



UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS DE ERECHIM
CURSO DE GEOGRAFIA - LICENCIATURA

SUZANA FÁTIMA BERTOTTI MEDEIROS

AS TRANSFORMAÇÕES E AS MEMÓRIAS DO LUGAR:
UM ESTUDO NA COMUNIDADE LINHA SANTA CRUZ, MUNICÍPIO DE
CRUZALTENSE/RS

ERECHIM

2014

SUZANA FÁTIMA BERTOTTI MEDEIROS

**AS TRANSFORMAÇÕES E AS MEMÓRIAS DO LUGAR:
UM ESTUDO NA COMUNIDADE LINHA SANTA CRUZ, MUNICÍPIO DE
CRUZALTENSE/RS**

Trabalho de conclusão de Curso de Graduação em Geografia apresentado como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciada em Geografia pela Universidade Federal da Fronteira Sul

Orientador: Prof. Me. Professor Éverton de Moraes Kozenieski

ERECHIM

2014

DGI/DGCI - Divisão de Gestão de Conhecimento e Inovação

, Suzana Fátima Bertotti Medeiros
AS TRANSFORMAÇÕES E AS MEMÓRIAS DO LUGAR: : UM ESTUDO
NA COMUNIDADE LINHA SANTA CRUZ, MUNICÍPIO DE
CRUZALTENSE/RS / Suzana Fátima Bertotti Medeiros . --
2014.
87 f.:il.

Orientador: Éverton De Moraes Kozenieski. Trabalho de
conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de
Geografia, Erechim, RS , 2014.

1. Comunidade. 2. Formação Histórica . 3.
Transformações . 4. Cruzaltense. 5. Geografia . I.
Kozenieski, Éverton De Moraes, orient. II. Universidade
Federal da Fronteira Sul. III. Título.

SUZANA FÁTIMA BERTOTTI MEDEIROS

AS TRANSFORMAÇÕES E AS MEMÓRIAS DO LUGAR:
UM ESTUDO NA COMUNIDADE LINHA SANTA CRUZ, MUNICÍPIO DE
CRUZALTENSE/RS

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação em Geografia - Licenciatura
apresentado como requisito parcial para obtenção de grau de Licenciada em
Geografia da Universidade Federal da Fronteira Sul

Orientador: Prof. Me. Éverton de Moraes Kozenieski

Este trabalho de conclusão de curso foi avaliado e aprovado pela banca em:

16/02/2014

BANCA EXAMINADORA

Éverton

Prof^a. Me. Éverton de Moraes Kozenieski - UFFS

Juçara Spinelli

Prof^a. Me. Juçara Spinelli - UFFS

Márcio Freitas Eduardo

Prof. Dr. Márcio Freitas Eduardo - UFFS

AGRADECIMENTO

À Universidade Federal da Fronteira Sul- (UFFS), Campus Erechim e ao Curso de Geografia Licenciatura, por me proporcionarem todas as plenas condições e suporte possível para o desempenho de minha carreira acadêmica.

Ao professor Everton, por seu apoio, dedicação, incentivo e confiança. Sempre prestativo e entusiasmado com as propostas de trabalho. Agradeço acima de tudo sua amizade e voto de confiança.

Aos demais professores que, desde o início, me auxiliaram e mostraram não só a mim, mas a todos meus colegas, o quão fascinante é a Geografia e seus desdobramentos.

Aos meus colegas e amigos de aula, em especial, minha colega e irmã Ana Paula, obrigado pela convivência, companheirismo e ajuda mútua.

Aos familiares e amigos, em especial minha mãe Leonilde, que sempre me incentivaram, me apoiaram e acreditaram em minha capacidade. Agradeço a todos pelo carinho, amizade e convivência.

A toda Comunidade Linha Santa Cruz município de Cruzaltense – RS, obrigado pela oportunidade de conhecer os tantos desafios e alegrias em sua trajetória.

À Deus, minha base de sustentação que não cansou de ouvir minhas preces e sempre me atendeu, mostrando sua luz e me acompanhando em todos os momentos.

E, por fim, quero agradecer de um modo especial meu esposo Robert. Sem você esse trabalho não seria possível. Obrigado por me ajudar, me incentivar e estar no meu lado nessa longa caminhada. Te amo, meu amor.

Enfim, não posso mencionar o nome de todas as pessoas que gostaria de agradecer. Mas deixo aqui o meu mais sincero muito obrigado.

“Tudo posso naquele que me fortalece” (Filipenses 4:13)

RESUMO

O processo de entendimento das relações de apropriação e transformação do meio natural pelas sociedades é um constante desafio para a Geografia. Partindo dessa afirmação, a pesquisa objetivou analisar as transformações ocorridas na Comunidade Linha Santa Cruz, Município de Cruzaltense-RS, a partir dos sujeitos que a compõem, caracterizando a formação histórica da Comunidade, bem como descrever as transformações lá ocorridas e destacar o significado que a comunidade tem para os sujeitos que a compõem. Trata-se de um trabalho qualitativo de cunho fenomenológico por analisar uma comunidade rural com o intuito de atender os objetivos da pesquisa. Inicialmente, foi realizada uma pesquisa documental para, então, iniciar uma entrevista com nove famílias pertencentes à comunidade escolhidas por observação de campo a fim de resgatar suas origens bem como descrever os aspectos culturais, econômicos e sociais das famílias. Para realização das entrevistas foi realizado um roteiro com uma estrutura pré-estabelecida. Durante a realização da entrevista, foram realizadas anotações e também gravações de áudio previamente permitidas, além de registros fotográficos. O desenvolver do trabalho deu-se a partir da análise feita do discurso dos sujeitos que vivem e vivenciam o lugar através da transcrição e organização das entrevistas, destacando trechos em que aparecem situações, expressões-chaves, reações significativas, informações relevantes para a elaboração da pesquisa e utilização de trechos de entrevistas em formato de citação. A partir da análise dos dados coletados observou-se que um dos aspectos culturais de destaque é a religião, além da forte organização comunitária para a execução de eventos. Quanto às transformações na comunidade, destacou-se as mudanças profundas no trabalho com o passar dos anos. Pode-se concluir que a Linha Santa Cruz é composta por pessoas que possuem afinidades, pertencimento e identidade, onde foi estabelecido códigos de conduta, moral e ética baseados nos costumes da população local, a fim de organizar a comunidade.

Palavras-chave: Comunidade. Formação Histórica. Transformações. Cruzaltense/RS.

ABSTRACT

The process of understanding the relations of appropriation and transformation of the natural environment by corporations is an ongoing challenge for Geography. Based on this assertion, the paper analyzes the transformations occurring in the Community Line Santa Cruz, County of Cruzaltense-RS, from the subjects that comprise characterizing the historical formation of the Community, as well as describe the transformations that have occurred there and highlight the significance the community has for the subjects that compose it. This is a qualitative phenomenological nature of work by examining a rural community in order to meet the research objectives. Initially, documentary research to then start an interview with nine families from the community chosen by field observation in order to rescue their origins as well as describing the cultural, economic and social aspects of families was performed. For the interviews a roadmap was performed with a pre-established structure. During the interview, notes and audio recordings also allowed previously were performed, and photographic records. The development work was given from the analysis of the speech of individuals who live and experience the place through the organization and transcription of the interviews, highlighting passages that appear in situations, expressions key, significant reactions, relevant information for the preparation of research and use of excerpts of interviews in citation format. From the analysis of the collected data revealed that one of the cultural aspects of religion is highlighted, in addition to strong community organization for running events. Regarding changes in the community, the profound changes in work over the years is highlighted. It can be concluded that the Santa Cruz line is staffed by people who have affinities, belonging and identity, which was established codes of conduct, morals and ethics based on the customs of the local population in order to organize the community.

Keywords: Community. Historical Background. Transformations Cruzaltense/RS.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Distribuição das famílias associadas à Comunidade Linha Santa Cruz - Cruzaltense, RS em relação à residência na comunidade, 2014.....	14
Gráfico 2 - 2014 Número de famílias por atividade produtiva do total de 43 famílias residentes na Comunidade Linha Santa Cruz, 2014	50

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa de localização do município de Cruzaltense no RS	28
Figura 2 - Mapa de localização dos limites da Comunidade Linha Santa Cruz, município de Cruzaltense, RS.....	30
Figura 3- Adaptação de carta do Município de Cruzaltense em escala de 1:50.000 destacando a Sanga das viúvas.....	31
Figura 4-Inauguração da ponte sobre o Rio Erechim, ligando Linha Santa Cruz à Campinas do Sul, em 1975.	32
Figura 5 - Construção de ponte sobre sanga na Comunidade Linha Santa Cruz, ano de 2000.	33
Figura 6-Imagem de satélite destacando parte da área de estudo, em Linha Santa Cruz, Cruzaltense-RS	34
Figura 7- Trecho do Rio Erechim chamado de “Vau Feio”, Cruzaltense-RS, abril de 2014.	35
Figura 8- Imagem de Rito da Primeira Comunhão realizado na segunda Capela de Linha Santa Cruz, Cruzaltense-RS em 1958.....	42
Figura 9-Imagem da realização de um curso de costura para as moradoras no salão comunitário da Comunidade Linha Santa Cruz oferecido pelo Sindicato dos Trabalhadores na Agricultura de Campinas do Sul, em 1976	43
Figura 10 - Imagem de um dos primeiros times da Comunidade Linha Santa Cruz, em (1962). Em pé: Joanin Calonego, Arlindo Conte, Pedro Saugo, Sebastião de Oliveira, Antônio Conte e Selvino Conte. Agachados: José Padilha, Olivo Calça, Arlindo Fritz, Armelindo Pasa e Juraci Duciatti.....	44
Figura 11A - Ordenha automática em operação na propriedade da família Bertotti, março de 2014.....	54
Figura 11B: Resfriador elétrico na propriedade da família Bertotti, março de 2014 ..	54
Figura 12 - Prédio desativado da Escola Municipal de Ensino Fundamental Dona Clara Camarão, outubro de 2010	58
Figura 13A - Encenação de Dia das Mães do Grupo de Jovens da Comunidade Linha Santa Cruz, maio de 2008.....	63
Figura 13B - Confraternização em homenagem ao Dia das Mães na Comunidade Linha Santa Cruz, maio de 2014.	63

Figura 14 - Moradores de Linha Santa Cruz, Cruzaltense – RS reunidos para visitarem outra comunidade do município por ocasião de torneio de futebol	66
Figura 15 - Família recebendo vizinhos em um típico baile de galpão, em Linha Santa Cruz, Cruzaltense - RS, 1955.	67
Figura 16 - Escolha da Rainha, 1ª Princesa e 2ª Princesa dos Jogos Rurais de Cruzaltense – RS em 2003. Na ordem: Rozana Bertotti (2ª princesa), Juciléia Giacomini (Rainha) e Monica Palharini (1ª princesa).	69
Figura 17A - Prova de atletismo para crianças de três a cinco anos, nos Jogos Rurais de Cruzaltense, Linha Santa Cruz, janeiro de 2003.	70
Figura 17B - Prova de cabo de guerra feminino, nos Jogos Rurais de Cruzaltense, Linha Santa Cruz, janeiro de 2003.	71
Figura 18 - Time feminino de futebol de Linha Santa Cruz, 1998. Em pé da esq. Para dir.: Delvino Bertotti (org. de esportes), Marli Murari, Adriana Brum, Suzana Bertotti, Irma Lazzari, Lainir Lopes, Silvana Giachini, Clarice Lopes, Mariza Sichazewski, Aldo Müller (treinador). Agachadas: Adriane Fagundes, Janes Bertotti, Eva de Campos, Luciana Ribeiro, Jucélia Lopes e Adriana da Silva.....	73

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ASCAR – Associação Sulina de Crédito e Assistência Rural

CEEE – Companhia Estadual de Energia Elétrica

EMATER - Empresa de Assistência Técnica em Extensão Rural

EMBRAPA – Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

INCRA - Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

PRONAF – Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar

RS – Rio Grande do Sul

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 MARCO TEÓRICO DE REFERÊNCIA	16
2.1 COMUNIDADE	16
2.2 LUGAR	19
3 TRILHAS DA INVESTIGAÇÃO	22
4 APROXIMANDO-SE DA COMUNIDADE LINHA SANTA CRUZ	26
4.1 COLONIZAÇÃO DO RIO GRANDE DO SUL	26
4.2 O MUNICÍPIO DE CRUZALTENSE	27
4.3 LINHA SANTA CRUZ	29
4.4 COMUNIDADE LINHA SANTA CRUZ: SUA HISTÓRIA DE FORMAÇÃO	34
4.5 A VIDA RELIGIOSA DA COMUNIDADE	41
5 COMUNIDADE LINHA SANTA CRUZ E AS TRANSFORMAÇÕES	46
5.1 AS TRANSFORMAÇÕES NO TRABALHO E NA PRODUÇÃO	47
5.2 AS TRANSFORMAÇÕES NO ENSINO ESCOLAR	56
5.3 AS TRANSFORMAÇÕES NOS COSTUMES	59
5.4 A INTERAÇÃO ENTRE AS COMUNIDADES DO INTERIOR	64
6 O OLHAR DOS SUJEITOS SOBRE A COMUNIDADE ATUAL	75
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	79
REFERÊNCIAS	82
ANEXOS	85

1 INTRODUÇÃO

A compreensão das relações de apropriação e transformação do meio natural pelas sociedades modernas é um constante desafio para a geografia. No presente trabalho a pesquisa está inserida na geografia, porém os elementos históricos e sociológicos se fazem presentes para melhor conceituar o objeto de estudo. Esse objeto é caracterizado pelas famílias associadas em uma comunidade rural, denominada de Comunidade Linha Santa Cruz e suas relações de pertencimento e identidade com o lugar ao longo do tempo. O tema escolhido para a pesquisa foi análise das transformações na Comunidade Linha Santa Cruz a partir da percepção dos sujeitos que a constituem.

A temática escolhida tem como recorte espacial a área denominada Comunidade Linha Santa Cruz, no município de Cruzaltense/RS. Dentro desse recorte foi elaborada uma pesquisa onde a problemática tem como foco os sujeitos que vivenciam esse lugar, enfatizando as transformações lá ocorridas.

Entre os sujeitos que participam ativamente da comunidade, alguns não residem dentro do recorte espacial de Linha Santa Cruz. Isso acontece porque alguns ex-moradores ou filhos de moradores que já não moram mais no lugar continuam sócios da capela participando das atividades comunitárias lá realizadas e preservam identidade e sentimento de pertencimento do lugar.

Linha Santa Cruz é a maior comunidade pertencente ao município de Cruzaltense. Trata-se de uma comunidade rural composta por 76 famílias de membros associados na Capela da comunidade, conforme Gráfico 01. O local onde se situa a comunidade tem moradores de diferentes origens étnicas, como italianos, poloneses, alemães e caboclos. A comunidade é povoada por 43 famílias, onde todas são proprietárias privadas das suas terras e utilizam a força de trabalho familiar. É uma comunidade constituída por casas esparsas, mas com um centro de referência social, que é “a sociedade da capela”, como descrita por Santos (1978).

Gráfico 01 - Distribuição das famílias associadas à Comunidade Linha Santa Cruz - Cruzaltense, RS em relação à residência na comunidade, 2014.



Fonte: EMATER/ASCAR – RS e Conselho Comunitário da Comunidade Linha Santa Cruz, Cruzaltense – RS, março de 2014.

Devemos destacar a importância do conhecimento do lugar a partir da vivência dos sujeitos que o constituem. O contato com os moradores da comunidade se deu com maior facilidade devido à pesquisadora possuir vínculos familiares e vivenciar a comunidade ativamente desde sua infância, facilitando a interação com os sujeitos pesquisados. A pesquisa tem fundamental importância ao fornecer um registro documental da identidade da comunidade e de seus moradores.

A necessidade da pesquisa proposta se dá também pela carência de trabalhos no que se refere ao tema abordado. Destaca-se a pequena produção de pesquisa, por parte da Geografia sobre a temática das comunidades rurais e sua importância, no Rio Grande do Sul, sobretudo da metade norte desse estado. Trata-se de um trabalho que enfoca um espaço rural, traçando a relação dos sujeitos com o lugar.

A pesquisa tem como objetivo geral analisar as transformações ocorridas na Comunidade Linha Santa Cruz, Município de Cruzaltense-RS, a partir da perspectiva dos sujeitos que a compõem. Os objetivos específicos que nortearam a pesquisa apresentam-se da seguinte forma:

- Caracterizar a formação histórica da Comunidade Linha Santa Cruz
- Descrever as transformações ocorridas no lugar a partir da memória dos sujeitos.
- Analisar o significado que a comunidade tem para os sujeitos que a compõem.

Como meio de alcançar os objetivos propostos, foram utilizados um referencial teórico específico que serviu de suporte para a construção da pesquisa, assim como a os métodos de pesquisa foram escolhidos em concordância com a metodologia. A escolha racional e planejada desses aportes científicos possibilitou a construção de uma abordagem sobre as transformações e a memória da Comunidade Linha Santa Cruz.

2 MARCO TEÓRICO DE REFERÊNCIA

O entendimento de como se dão as relações sociais na Comunidade Linha Santa Cruz necessita de um referencial teórico que explique os conceitos aplicados ao objeto de estudo e a forma como serão utilizados durante a pesquisa. No caso da presente pesquisa, serão utilizados os conceitos de comunidade e lugar, baseando-se em referenciais de autores que se aproximam da linha de pesquisa escolhida.

2.1 COMUNIDADE

A definição de comunidade é essencial para objetivar a presente pesquisa. Dentro da literatura voltada ao tema social, aparecem diversas definições sobre comunidade. Isso porque a característica que define uma comunidade são justamente as relações que a fixam a determinado lugar e também as que o diferenciam de outros lugares.

A comunidade pesquisada é entendida como uma comunidade de associados que mantém sólidas relações sociais, tendo como elemento unificador o recorte espacial ao qual está inserida. É importante ressaltar que não há limitação político – administrativa que delimite ou oficialize esse tipo de comunidade. Trata-se de uma associação espontânea, de pretensões comunitárias, que visa à integração social e religiosa dos membros que dela fazem parte. Uma definição que resume as características básicas de um arranjo social que consideramos aqui como comunidade é encontrada na obra de Copatti (2010, p. 49), como citado a seguir:

Toda comunidade, para assim ser considerada precisa ser composta por uma população a qual tem de revelar organização social e ocupar uma área geográfica. Para que estas características se evidenciem, faz-se necessário o esforço conjunto dos seus membros. A extensão da comunidade permite relações mais ou menos estreitas entre os moradores. (COPATTI, 2010, p. 49).

Além dos elementos citados por Copatti (2010), uma comunidade vai além da forma de integração dos indivíduos que dela se consideram membros. Em povoados rurais são características comuns às relações de parentesco entre os vizinhos, e também constante o compartilhamento das mesmas crenças religiosas. Comumente é utilizado o modelo de contrato de associação entre os membros das comunidades, que através da entidade religiosa centraliza e formaliza essa

associação, a tornando reconhecida através da Paróquia do município à qual pertence à comunidade em questão. Como define Claval (2007, p. 114):

Uma comunidade de base pode ser construída a partir de elos de sangue e de aliança que unem os membros de uma mesma família. Ela pode igualmente ser formada segundo um modelo análogo por um contrato de associação entre os membros unidos por um mesmo ideal e um projeto comum. Partilhar de uma mesma fé religiosa entre irmãos que se reconhecem filhos de um Deus criador é um cimento eficaz. Uma comunidade pode enfim resultar da co-habilitação de pequenos grupos num mesmo lugar. (CLAVAL, 2007, p. 114).

Dentro da definição de comunidade local estabelecida por Claval (2007), identificamos elementos presentes na conjuntura de fatores que formam a comunidade pesquisada. Os espaços de comum frequência solidificam as relações comunitárias e o sentimento de pertencimento dos sujeitos ao lugar. Mesmo o território da comunidade sendo recortado por divisões de propriedades privadas, é comum aos sujeitos a identificação de um patrimônio parcialmente coletivo. Ainda segundo Claval (2007, p. 116) o conceito de comunidade vai além:

A vila tradicional de uma sociedade agrária sedentária aparece como o modelo da comunidade localizada. Nasce das frequências múltiplas impostas pela co-habitação. Os estilos de vida são semelhantes, o auxílio mútuo fácil. Os casamentos são frequentes com as famílias das vilas vizinhas, e os casamentos entre primos são a regra. A isto se acrescenta um vivo sentimento do lugar, do território comunitário como patrimônio comum, quer a propriedade seja totalmente ou parcialmente coletiva, quer seja privada. Todos foram batizados na mesma igreja, frequentaram a mesma escola e serão enterrados no mesmo cemitério comunal. (CLAVAL, 2007, p. 116).

Outra característica importante na definição de uma comunidade é a delimitação da sua territorialidade. Muitas vezes a comunidade rural não acompanha as delimitações de limites físicos ou políticos definidos na cartografia dos municípios. É importante ressaltar que no caso do município de Cruzaltense, não há divisão administrativa oficial relativa à sua área rural. A única territorialidade aplicada ao interior do município é a divisão entre as comunidades. E justamente essa territorialidade é utilizada por órgãos oficiais e reconhecida por entidades como a Emater-Rs - Ascar, Secretaria Municipal da Agricultura, Secretaria Estadual da Agricultura e o próprio IBGE. Na visão de Smit (1971 apud Copatti2010, p. 60 e 61) temos:

[...] Cada comunidade rural tem uma expressão científica; é uma pequena, porém definida, parte da terra. Embora seus limites não configurem nos mapas geográficos ao lado dos cursos d'água, vertentes e outros lamentavelmente chamados "fenômenos naturais", seus limites estão indelevelmente estampados na mente e na memória dos habitantes locais. São de fato os limites que determinam efetivamente a área de participação social, de interesse e identificação mútuos e das atividades coletivas de vários tipos [...](SMIT, 1971 apud COPATTI, 2010, p. 60 e 61).

Levando em consideração as características da Comunidade Linha Santa Cruz e o enfoque da pesquisa, a definição do lugar como um bairro rural pode ser aceita, conforme Santos (1978, p. 05), que assim define:

[...] há uma base territorial constituída por casas esparsas, mas com um centro de referência social, "a sociedade da capela"; a população tem uma situação social semelhante; as pessoas estabelecem relações de vizinhanças, muitas vezes justapostas a relação de parentesco; as pessoas se auto - identificam como membros do bairro, havendo um sentimento de localidade; ocorrem praticas de ajuda mútua no processo de trabalho; e, finalmente, participam em comum de atividades lúcidas, na "sociedade da capela", e de atividades religiosas, "a festa do padroeiro". (SANTOS, 1978, p. 05).

As definições de comunidade apresentadas contêm conceitos diversificados elaborados por autores diferentes. Contudo em cada autor podemos constatar elementos importantes para o embasamento teórico da análise da Comunidade Linha Santa Cruz. O conceito de comunidade da Capela é reforçado pela definição de Della Latta (2004), que tendo trabalhado o resgate histórico do município de Campinas do Sul, abordou as comunidades rurais então pertencentes ao município segundo a sua afiliação à Paróquia de Campinas do Sul. Segundo Della Latta (2004, p.100):

Resumidamente podemos dizer que Comunidade é um conjunto de indivíduos que residem num determinado lugar onde todos se conhecem, tem aspirações e interesses comuns, e se caracteriza por uma forte coesão baseada no consenso espontâneo dos indivíduos e nesse nosso particular, Capela e Comunidade têm o mesmo sentido. (DELLA LATTA, 2004, p.100).

Cabe destacar que a Comunidade Linha Santa Cruz tem sua territorialidade bem definida e consolidada. No entanto, os membros da comunidade não obrigatoriamente residem nesses limites, uma vez que os associados à comunidade compreendem os moradores que já não residem em Linha Santa Cruz e também há os filhos de moradores que nasceram no lugar e por motivo de trabalho ou estudo residem no perímetro urbano de Cruzaltense ou em outras cidades.

A administração do patrimônio material da comunidade é realizada de forma coletiva, onde há um revezamento entre as famílias associadas para ocuparem os cargos do conselho comunitário. Há uma escala organizada pelo padre da Paróquia de divide as famílias em quatro grupos, que a cada ano farão parte do conselho. Dentre as famílias membros do conselho que administrará a comunidade, são escolhidos quatro membros para ocuparem os cargos de presidente, vice-presidente, tesoureiro e dizimista¹. Essa forma de administração revela o caráter coletivo, onde há ajuda mútua, sobretudo na preservação e continuidade das relações sociais dentro da comunidade.

Entre as definições citadas, a Comunidade Linha Santa Cruz apresenta muita das características de núcleos sociais semelhantes encontrados no interior do estado do Rio Grande do Sul (sobretudo na metade norte), que podem se enquadrar na definição de Claval (2007).

2.2 LUGAR

Podemos identificar em Linha Santa Cruz um lugar já transformado pela ação do homem, pois há uma comunidade lá estabelecida há décadas. Quanto à relação de valoração compreendida a esse lugar, essa é dada pelo resultado do arranjo espacial dos modos de produção particulares encontrados nesse lugar, como afirma Santos (1977). Isto é, dentro da relação entre homem e natureza, há uma distinção entre as formas de relacionamento das sociedades com o meio que vivem que varia de acordo com o modo de produção e com a forma de organização social estabelecida no lugar.

As mudanças sociais e transformações relacionadas às relações entre os membros da comunidade seguem um ritmo diferente da dinâmica dos núcleos urbanos dos municípios próximos. Isso porque, na Comunidade Linha Santa Cruz, a relação dos moradores com o lugar se dá de forma profunda e indissociável. Callai (2004, p. 02) nos oferece uma definição de lugar que se enquadra nas características do objeto de estudo aqui apresentado:

¹ Dizimista: Derivada da palavra bíblica dízimo, que se refere ao valor de dez por cento do valor ganho por uma pessoa doado a igreja; diz-se, daquele que é fiel no dízimo em sua igreja. No caso do conselho comunitário da comunidade, o cargo de dizimista é o responsável pela arrecadação e repasse à paróquia dos dízimos oferecidos pelos membros da comunidade. Atualmente não há um valor fixo de dízimo estipulado. Cada membro oferece um valor que lhe convém ou cabe dentro de suas despesas familiares.

Este lugar é um espaço construído como resultado da vida das pessoas, dos grupos que nele vivem, das formas como trabalham, como produzem como se alimentam e como fazem/usufruem do lazer. É, portanto, cheio de história, de marcas que trazem em si um pouco de cada um. É a vida de determinados grupos sociais, ocupando um certo espaço num tempo singularizado. Considerando que é no cotidiano da própria vivência que as coisas vão acontecendo, vai se configurando o espaço, e dando feição ao lugar. Um lugar que é um espaço vivido, de experiências sempre renovadas, o que permite que se considere o passado e se vislumbre o futuro. A compreensão disto necessariamente resgata os sentimentos de identidade e de pertencimento. (CALLAI, 2004, p. 02).

Callai (2004, p. 03) complementa esse raciocínio colocando “[...] a realidade quer dizer o lugar onde se vive, deve ser conhecido e reconhecido pelos que ali vivem, pois conhecer o espaço, para saber nele se movimentar, para nele trabalhar e produzir significa conseguir reproduzir-se também a si próprio, como sujeito”.

Analisar apenas a Comunidade Linha Santa Cruz pela sua configuração social atual não seria a metodologia indicada para se chegar à leitura das transformações que ocorrem atualmente no lugar. Isso porque as interações são dadas pela continuidade de processos históricos de relações anteriormente estabelecidas nesse lugar. Conforme Hassler (2009, p. 158) comenta:

O lugar está repleto de relações históricas de vínculos afetivos que ligam as pessoas aos lugares, as paisagens e tornam-se significativas ao estudo, pois compreender o meio em que vive permite ao sujeito conhecer a sua história e conseguir entender os fatos que ali aconteceram. Nenhum lugar, portanto é neutro. Pelo contrário, é repleto de histórias, com relações históricas situadas num tempo e num espaço. E que através de análises podem ser estudados e analisados para compreensão e apontamentos de possíveis alternativas. (HASSLER, 2009, p. 158).

Para Carlos (2007, p. 22) “O lugar contém uma multiplicidade de relações, discerne um isolar, ao mesmo tempo em que se apresenta como realidade sensível correspondendo a um uso, a uma prática social vivida”. Ainda para Carlos (2007, p. 67) “O lugar é produto das relações humanas, entre homem e natureza, tecido por relações sociais que se realizam no plano de vivido, o que garante a construção de uma rede de significado e sentidos que são tecidos pela história e cultura civilizadora produzindo a identidade”.

Sendo assim, destaca-se a importância de um olhar geográfico, que leve em consideração o todo da relação tempo-lugar na Comunidade Linha Santa Cruz. Resgatar as origens, contextualizar as relações sociais, enfatizar os aspectos

culturais e relacionar essas características ao recorte espacial do objeto de pesquisa são o objetivo do presente trabalho.

3 NAS TRILHAS DA INVESTIGAÇÃO

O trabalho proposto foi baseado no método qualitativo de cunho fenomenológico por tratar-se de uma análise de uma comunidade rural, e o método proposto atender os objetivos da pesquisa. Como o objetivo da pesquisa é analisar as transformações ocorridas nessa comunidade, foi através da construção de um relato dos sujeitos que a compõem que se deu uma referência mais específica de como ocorreram os processos de mudança na comunidade. De acordo com Denzin e Lincoln (2006, p. 23).

A palavra qualitativa implica uma ênfase sobre as qualidades das entidades e sobre os processos e os significados que não são examinados ou medidos experimentalmente (se é que são medidos de alguma forma), em termos de quantidade, volume, intensidade ou frequência. Os pesquisadores qualitativos ressaltam a natureza socialmente construída da realidade, a íntima relação entre o pesquisador e o que é estudado, e as limitações situacionais que influenciam a investigação. Esses pesquisadores enfatizam a natureza repleta de valores da investigação. Buscam soluções para as questões que realçam o modo como a experiência social é criada e adquire significado. Já os estudos quantitativos enfatizam o ato de medir e analisar as relações causais entre variáveis, e não processo". (DENZIN; LINCOLN, 2006 p. 23).

A fenomenologia se torna presente na pesquisa pela necessidade de interpretar a concepção dos membros da comunidade de sua condição como personagens do processo histórico. A fenomenologia, na presente pesquisa dá ênfase à experiência do indivíduo e também à interpretação do mundo que se revela para a consciência. Segundo Triviños (1994), essa interpretação se baseia nos valores e vivências seus e de seus semelhantes. Para Lyotard (1967, p.89):

O social não é objeto de nenhuma maneira; ele é tomado como vivência e trata-se aqui, como a pouco em psicologia, de descrever adequadamente essa vivência para reconstituir-lhe o sentido; mas tal descrição por sua vez só pode ser feita com base nos dados sociológicos, resultados igualmente de uma objetivação prévia social. (LYOTARD, 1967, p.89).

Para atender os objetivos da pesquisa buscaram-se registros da comunidade e de seus moradores junto aos seguintes órgãos: Prefeitura Municipal, Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), Empresa de Assistência Técnica em Extensão Rural do Governo do Rio Grande do Sul (EMATER);

Secretaria de Agricultura e Secretaria de Educação do Município de Cruzaltense - RS, Prefeitura Municipal, Paróquia Nossa Senhora dos Navegantes e Cartório Ofício de Registros Públicos do Município de Campinas do Sul – RS, Cartório Ofício de Registros Públicos e Paróquia do Município de São Valentim – RS, Cartório Ofício de Registros Cartório de Registro Civil das Pessoas Naturais, Mitra Diocesana, Biblioteca Publica, Acervo Histórico, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) do Município de Erechim – RS.

Somando-se a pesquisa documental, foi realizado um resgate da memória da comunidade através dos relatos em entrevistas obtidas com os moradores previamente selecionados. Os objetivos dessa etapa da pesquisa são resgatar as origens da comunidade e também descrever os aspectos culturais, econômicos e sociais das famílias da Comunidade Linha Santa Cruz apartir da memória dos sujeitos.

O critério de seleção das famílias para entrevistas foi guiado pelos seguintes fatores: a) presença na família de membros fundadores da comunidade ainda vivos; b) famílias de ex-dirigentes da comunidade, ex-ministros da igreja, ou ex-catequistas; c) famílias que participam da diretoria da comunidade atualmente; d) observação de campo prévia relativa às características gerais das famílias entrevistadas.

As entrevistas foram realizadas com nove famílias do total de famílias da comunidade, determinadas por observação prévia da pesquisadora. As entrevistas foram semi-aberta buscando aliar o depoimento dos integrantes da família de maneira uniforme. Para realização das entrevistas foi realizado um roteiro com uma estrutura pré-estabelecida, podendo ser adaptado ou modificado ao longo da entrevista, de acordo com a necessidade. (as perguntas guias da pesquisa encontram-se no anexo I).

Durante a realização da entrevista, foram realizadas anotações e também gravações de áudio previamente permitidas, além de registros fotográficos. As entrevistas realizadas com os moradores e membros da comunidade foram utilizadas como fonte de informação para elaboração da presente pesquisa. As entrevistas são identificadas no trabalho através de nomenclatura escolhida pela pesquisadora com utilização de letras do alfabeto, (ex: morador A, morador B, morador C, e assim sucessivamente). Juntamente às entrevistas com os moradores, foram aplicados questionários que buscaram levantar outras informações a respeito

das famílias. Tais informações foram utilizadas para elaboração de um cruzamento de informações com as obtidas em fontes oficiais sobre o município de Cruzaltense – RS.

As entrevistas e a obtenção de dados proporcionaram informações importantes, sobre as quais foi realizada uma análise do discurso das transformações ocorridas na Comunidade Linha Santa Cruz. Essa análise do discurso servirá de base para uma interpretação dos fenômenos históricos e sociais ocorridos no lugar, levando em conta a percepção dos sujeitos que compõem a comunidade. De acordo com Junior (2009 p.34 e 35):

[...] a análise do discurso do sujeito coletivo (DSC) emerge como procedimento técnico-científico na investigação qualitativa da produção do espaço. O uso dessa técnica consiste na identificação das idéias centrais, retiradas do discurso, a exemplo de poesias, cartazes e reportagens que retratem a ação sujeito social, em suas práticas cotidianas, o que possibilita ao pesquisador evidenciar o posicionamento de um determinado grupo social acerca de um objeto. (JUNIOR, 2009 p. 34 e 35).

A interpretação da identidade coletiva que se observa entre os membros da Comunidade Linha Santa Cruz pode ser mais bem compreendida utilizando-se da análise do discurso apoiada ao método fenomenológico, onde se dá ênfase às experiências dos sujeitos e suas interpretações. O desenvolver do trabalho dar-se-á a partir da análise feita do discurso dos sujeitos que vivem e vivenciam o lugar. Para fazer essa análise, a pesquisa seguiu os seguintes procedimentos:

A - Transcrição e organização das entrevistas realizadas com os moradores e membros da Comunidade Linha Santa Cruz, as quais serviram de documento de análise. Foi realizada a transcrição literal das entrevistas respeitando todas as falas de cada sujeito.

B - Interpretação da transcrição das entrevistas, destacando trechos em que aparecem situações, expressões-chaves, reações significativas, e informações relevantes para a elaboração da pesquisa.

C - Utilização de trechos de entrevistas em formato de citação que representem determinados aspectos pertinentes ao tema trabalhado, fazendo-se valer da interpretação da pesquisadora a respeito do assunto abordado.

A importância da análise do discurso se dá pela sua capacidade de transmitir de forma eficaz as idéias centrais que vão de encontro com os objetivos da pesquisa. Ao utilizar-se da análise do discurso, o pesquisador pode processar o

material coletado nas entrevistas e transformá-lo em conteúdo pertinente ao tema trabalhado na pesquisa. As entrevistas realizadas com os moradores e membros da comunidade são utilizadas como fonte de informação para elaboração da presente pesquisa.

4 APROXIMANDO-SE DA COMUNIDADE LINHA SANTA CRUZ

A Comunidade Linha Santa Cruz tem sua origem diretamente ligada ao processo histórico de formação do norte do Estado do Rio Grande do Sul. O início da comunidade é marcado justamente com o deslocamento de descendentes de imigrantes de municípios próximos e também da região da Serrana do Rio Grande do Sul para a área onde hoje se localiza Linha Santa Cruz. Entender a origem desse povoamento e as relações com os moradores já instalados no lugar anteriormente é de fundamental importância para a construção de um relato consistente sobre a identidade dos sujeitos que compõem essa comunidade.

4.1 COLONIZAÇÃO DO RIO GRANDE DO SUL

No Brasil do século XIX iniciou-se por iniciativa da Coroa Imperial uma política de implantação de núcleos coloniais com base na pequena propriedade. Essas iniciativas de colonização utilizando-se de imigrantes sofreram forte oposição dos grandes proprietários de terra, que eram justamente membros da classe conservadora e escravista que apoiava o Império Brasileiro.

De acordo com Gertz, (2011) então província do Rio Grande do Sul, havia por conta do contexto regional uma condição favorável para o desenvolvimento da política de colonização. A intenção não era substituir o modo de produção baseado nas grandes propriedades criadoras de gado e suas charqueadas, mas sim aproveitar a região norte do estado, que pouco era utilizado para a criação de gado e com pequena povoação até então para desenvolver a agricultura em pequenas propriedades. Outro motivo que auxiliou as políticas de colonização no norte da Província era a idealização de um povoamento baseado em homens livres, proprietários de suas terras e principalmente brancos.

Em 1824 inicia-se a colonização alemã, que já na segunda metade do século XIX teve um declive em sua intensidade. Em 1875 tem início a colonização italiana, primeiramente na encosta superior do nordeste do Rio Grande do Sul. Segundo Santos (1978), as áreas ocupadas pelas colonizações alemã e italiana foram áreas desprezadas geográfica e economicamente pela grande propriedade, radicada na zona sul da província.

À medida que essa região do Estado foi sendo colonizada, no final do século XIX e início do século XX começou a dispersão de imigrantes e de seus descendentes para o norte e noroeste do Rio Grande do Sul. A facilidade na aquisição de terras nessa região praticamente desabitada e inexplorada do Estado também atraiu a vinda de imigrantes de outras etnias, como poloneses, judeus e russos.

4.2 O MUNICÍPIO DE CRUZALTENSE

A colonização da área do atual município de Cruzaltense iniciou-se em 1944. A paisagem era descrita pelos primeiros moradores como “uma área coberta com pinhais e florestas, principalmente o pinheiro *Araucária Brasiliensis*, o pinheiro brasileiro, com troncos de mais de um metro de diâmetro, madeira nobre, de muita serventia e muito cobiçada (ALVES, 2005). Em vinte e sete de junho de 1979, Cruzaltense torna-se distrito de Campinas do Sul. Dezesete anos depois, pela Lei nº 10.745, de 16 de abril de 1996, é oficializada a emancipação do município e no dia 1º de outubro de 2000 é realizada a primeira eleição. Em 1º de janeiro de 2001, instala-se o novo Município, tendo como primeiro prefeito Juarez Luis Sandri, (ALVES, 2005).

O município de Cruzaltense situa-se no noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, faz parte da microrregião de Erechim (Figura01). Sua altitude é de 546.7 metros acima do nível do mar, com Latitude de 27° 40” 06’S e Longitude de 52° 38” 52’O com uma área de 165,7 Km² e população de 2.273 habitantes (IBGE, 2014). Sua sede está localizada a 405 km da capital do Estado. Cabe destacar que 1.906 habitantes residem no espaço rural e 367 no espaço urbano. Cruzaltense faz limite ao norte com municípios de Entre Rios do Sul e São Valentim, a leste com o município de Ponte Preta, ao sul com o município de Campinas do Sul e a Oeste o município de Três Palmeiras.

Figura 01- Mapa de localização do município de Cruzaltense no Rio Grande do Sul.



O relevo do município é de planalto médio com áreas planas ou levemente onduladas. Uma característica peculiar do relevo do município é a sua distinção em relação às margens do Rio Erechim, que corta o município no sentido sudeste - noroeste. No lado ocidental do rio observa-se um relevo menos acidentado, com menores declividades do terreno e onde há menos ocorrências de mata de topo, aumentando o índice de aproveitamento do solo para agricultura. No lado oriental do rio, o município conta com relevo mais acidentado, onde há maiores declividades de terreno, brotamentos rochosos e matas de topo, o que implica em um menor aproveitamento do solo na atividade agrícola. Tais diferenças nas características físicas do território de Cruzaltense acabaram por acentuar estigmas também na

forma com que a população do município lida com certas peculiaridades vinculadas a esses fatores.

O melhor aproveitamento do solo no lado ocidental fez com que historicamente esse tivesse maior valor de compra e venda em suas terras e maior produtividade, levando a um crescimento econômico significativo em relação ao lado oriental. E com o tempo, as diferenças econômicas acabaram por criar uma leve rivalidade entre os dois lados do rio. É comum no dia-dia dos moradores do município a referencia de localização de alguém ou algo ser acompanhada em sua descrição pela expressão “do lado de cá do rio” ou “do lado de lá do rio”.

A vegetação remanescente é predominantemente nativa, com algumas espécies de araucárias preservadas. O clima subtropical úmido com estações do ano bem definidas. As principais fontes econômicas do município, de acordo com o (IBGE, 2014) são: Agropecuária 45,84%, Indústrias 6,67%, Serviços 47,49%. É considerado pelo IBGE um município de Micro porte. A grande maioria da população munícipe ocupa sua força de trabalho no setor agropecuário, com destaque para o cultivo de soja e milho e a produção de leite e seus derivados.

4.3 A COMUNIDADE LINHA SANTA CRUZ

A relevância da memória coletiva para a construção da identidade local se dá na fixação de um saber empírico e intrínseco ao lugar e os elementos que o caracterizam. Dessa forma, a pesquisa constitui um esforço pela busca de um registro documental da história e identidade da comunidade e de seus moradores. Na ciência geográfica é dada grande importância em fazer esse resgate.

A partir da história de formação de uma população, da sua cultura, de sua tradição e de seu modo de viver que identificamos ali uma comunidade e suas especificidades. Por meio da memória de membros mais antigos que residem no lugar, resgatamos o passado, e levando em consideração que esse local vem passando por transformações contínuas desde seu processo de formação, devemos considerar a memória a partir de recortes temporais variáveis. A junção da memória dos sujeitos sobre o espaço vivido à pesquisa documental e bibliográfica resulta no fornecimento de um perfil da identidade e características particulares da comunidade pesquisada

No município de Cruzaltense localizam-se 13 comunidades rurais, sendo Linha Santa Cruz a maior delas em área (Figura 02). Muitas dessas comunidades surgiram antes mesmo de o município de Cruzaltense se emancipar, como no caso da comunidade de Linha Santa Cruz que se surgiu no início do século XX.

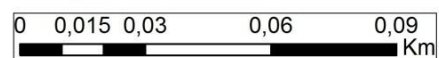
Figura 02 - Mapa de localização dos limites da Comunidade Linha Santa Cruz, município de Cruzaltense, RS.



Fonte: IBGE, 2014 e Emater 2014.
Elaborado por: Suzana F. B. Medeiros e Robert F. Medeiros.



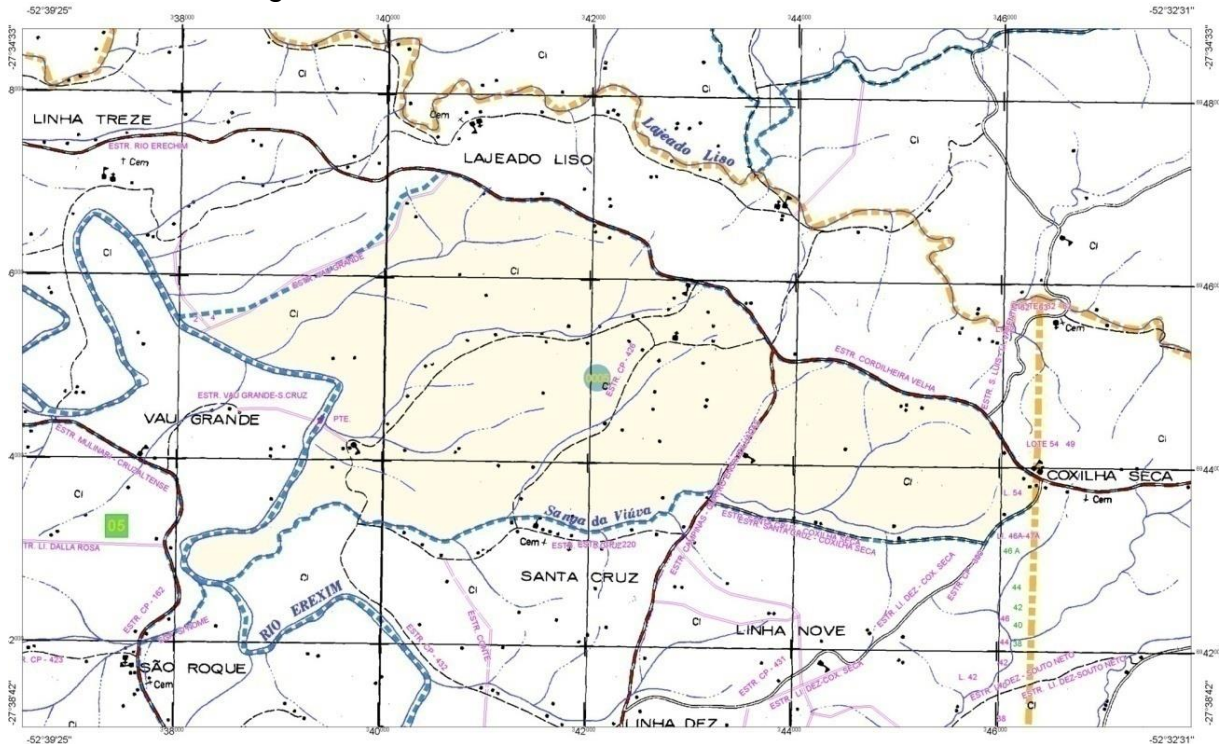
Escala:



A Comunidade Linha Santa Cruz, se encontra a 10 km da área urbana do município de Cruzaltense e há 14 km da área urbana do município de Campinas do Sul. A comunidade tem seu perímetro cortado por um curso d'água denominado pelo IBGE de sanga. Esse curso d'água apresenta grande porte. Em épocas de estiagem parte do seu leito seca e em épocas de fortes chuvas há inundação de pontos do relevo mais planos. A mesma atravessa a comunidade e é chamada Sanga das Viúvas (Figura03). Esse nome se originou por causa do período do início do século XX, em que ocorriam muitas brigas e por consequência mortes no lugar. Como morriam os homens e ficavam as viúvas, o curso d'água ficou conhecido pelo nome

atual pelo fato dessas se encontrarem e lavarem as roupas na sanga. Essa Sanga deságua no Rio Erechim, que pertence à bacia do Rio Passo Fundo e deságua na Barragem Passo Fundo. O Rio Erechim apresenta esse com grande volume de água que também em épocas de fortes chuvas inunda partes mais baixas do relevo.

Figura 03 - Adaptação de carta do Município de Cruzaltense em escala de 1:50.000 destacando a Sanga das viúvas.



Fonte: IBGE, 2010. Adaptado por Suzana F. B. Medeiros.

No início da povoação, o Rio Erechim não possuía uma passagem para sua travessia, o que acabou por se tornar um grande obstáculo para os primeiros moradores, pois os mesmos não tinham como realizar a travessia de um lado para o outro do rio. Por esse motivo a comunidade por muitos anos ficou pertencente ao Município de São Valentim, em virtude do acesso sem grandes obstáculos. De acordo com registros nos arquivos da Prefeitura Municipal de Campinas do Sul, em 1985 foi reconstruída uma antiga ponte que ligava a comunidade com o então município de Campinas do Sul e em 1975, foi inaugurada outra ponte (Figura 04) mais próxima ao atual perímetro urbano do município de Cruzaltense o que proporcionou mais facilidade ao acesso de todos.

Figura 04 - Inauguração da ponte sobre o Rio Erechim, ligando Linha Santa Cruz à Campinas do Sul, em 1975.



Fonte: Arquivo da família Krause.

As estradas do interior dos municípios eram abertas pelos próprios moradores do lugar, com suas máquinas e ferramentas. Essas estradas além de facilitarem a realização do trabalho, foram um meio de ligar as comunidades entre si e com a sede do município, além de algumas ligar as comunidades com outros municípios. De acordo com a Prefeitura Municipal de Cruzaltense, nos dias atuais as estradas do interior são abertas e mantidas pela prefeitura do município às quais pertencem. No entanto, até a década de 1990, a manutenção das vias de acesso à comunidade, assim como construção de pontes eram realizadas pelos próprios moradores (Figura 05).

Figura 05 - Construção de ponte sobre sanga na Comunidade Linha Santa Cruz, ano de 2000.



Fonte: Arquivo da família Bertotti.

Conforme a (Figura 06) nos mostra, a paisagem apresenta vários morros, um relevo ondulado, com áreas mais elevadas. A paisagem passou e continua a passar por diversos processos de transformação. A mecanização da agricultura, entre outros fatores, como a questão de derrubadas das matas e os grandes destocques² nas propriedades, acabam por contribuir em larga escala com a transformação da paisagem. A degradação da flora nativa culmina inevitavelmente em uma paisagem uniforme. Conforme Andrade (2005, p. 16) “No meio rural, a paisagem revela o desenvolvimento sócio econômico e, os efeitos predatórios da exploração agrícola”. Assim percebe-se que o homem vem transformando a paisagem para construir um lugar que atenda as demandas produtivas que denotam da atividade agrícola realizada ali.

²Destocar: v.t. Arrancar os tocos que ficam em um terreno depois que se abateram as árvores.

Figura 06 - Imagem de satélite destacando parte da área de estudo, em Linha Santa Cruz, Cruzaltense-RS.



Fonte: Google Earth 2014. Elaborado por Suzana F. B. Medeiros.

4.4 COMUNIDADE LINHA SANTA CRUZ: SUA HISTÓRIA E FORMAÇÃO

De acordo com Della Latta (2004, p.111) é datado em 1924 o início da formação da Comunidade de Linha Santa Cruz. Nos primórdios do povoamento, o lugar não tinha um registro documental. Segundo os moradores mais antigos, a localidade era conhecida como Vau Feio pelo motivo de no lugar terem ocorrido muitas brigas, inclusive com mortes. Outra razão para o nome inusitado vem de uma larga passagem no rio Erechim, chamada de Vau Feio (Figura 07), que fica próxima a sede da comunidade. Neste local, segundo os moradores da região morreram dois jovens em uma travessia de carroça e o mesmo passou a se chamar “Vau Feio”, em virtude da forma violenta de suas mortes.

Figura 07 - Trecho do Rio Erechim chamado de “Vau Feio”, Cruzaltense-RS, abril de 2014.



Fonte: Suzana F. B. Medeiros.

O acontecimento desse acidente fatal acabou tornando-se conhecido na região e culminou na composição de uma música de um famoso grupo musical da região. Conhecido como Trio Campinense, os irmãos da família Battisti (Edílio, Ari e Zilmar) lançaram a música em disco no ano de 1982. A canção *Rio Criminoso*, composta por outro irmão, Nelson Battisti em 1958 tem a seguinte letra:

Rio Criminoso

*Num domingo bem cedinho dois rapazes foram passear
Ao atravessar um grande rio com sua carroça de animal
Pois o dia estava marcado e a morte foram encontrar
Quando me lembro daquele dia sinto por dentro uma dor fria
Que chega até me dar receio daqueles pobres rapazes
Que morreram sem ver seus pais naquele rio criminoso
Por nome de Vau Feio.*

*Junto com esses dois moços tinha um velho aleijado
Que tristemente pedia temos que ter o cuidado
Os rapazes não atenderam as palavras do velhinho
E entraram água dentro cumpriram com seu destino*

*Os animais refugaram para entrar no Vau Feio
O velhinho então falou escute os meus conselhos
Mas não entra neste rio porque ele está cheio
Se vocês quiser entrar neste lado eu apeio*

*Regulavam às três horas daquela tarde tão fria
Foram avisar seus pais que acreditar não podia
Que seus filhos se sumiram naquelas águas tão frias
Foi esta triste notícia que enlutou suas famílias*

*Os dois rapazes eram primos e filhos de dois irmão
Ernesto filho de Antônio, Vendemino filho de João
Que morreram afogados na maior judiação
Suas almas foram com Deus e seus corpos no caixão*

*O velho pedia a Deus com amor e caridade
Que salvasse esses dois jovens ainda na flor da idade
Mas Jesus não atendeu seu pedido fervoroso
Adeus pais e adeus irmãos e adeus Rio Criminoso.
(BATTISTI,1982).*

Buscar na memória coletiva o sentido que o lugar tem para seus habitantes, é também resgatar traços da própria identidade dos sujeitos subordinados a essa história. Segundo Carlos (2007, p.22) “[...] o lugar guarda em si e não fora dele o seu significado e as dimensões do movimento da história em constituição enquanto movimento da vida, possível de ser aprendido pela memória, através dos sentidos”.

Com a chegada de novos moradores, sobretudo descendentes de imigrantes Italianos, o lugar começa a se formar e se transformar. No entanto, nessa época já habitavam a beira dos rios Erechim e seus afluentes, diversas famílias de “caboclos”. Posteriormente foram chegando mais etnias, como alemães, poloneses entre outros e assim miscigenando a população.

As duas primeiras famílias de descendentes de imigrantes a chegarem à localidade foram as do Sr. Romano Saugo e Sr. José de Carli, sendo que estas famílias começaram a dar início a povoação, e a mesma sempre vinha crescendo com a presença de novos moradores. Os moradores realizavam ajuda mútua na construção das casas e as mesmas eram feitas de madeira tipo tábua larga que eram extraídas pelas madeireiras que haviam em regiões próximas.

Os fundadores e líderes da comunidade foram: José de Carli, Romano Saugo e Orestes Calônego. Logo em seguida chegaram mais os senhores, Bortolo de Carli, Lourenço Murari, João Sichazewski, Fermino Lopes, Arnesto Badia, Severino Canan e Augusto Pertille, este último tido como o organizador da parte religiosa por ser Catequista e Rezador do terço. A população dos descendentes de imigrantes

aumentou com a vinda de novos moradores oriundos de Guaporé, Encantado, Marau e outras cidades da região RS.

No início da construção da comunidade, com a chegada dos imigrantes, os mesmos começaram a modificar e a transformar o lugar. Com essas mudanças começou um sério conflito com as famílias de caboclos que viviam há mais tempo. Com isso, a comunidade tornou-se mais violenta, ocorrendo racismo, brigas e até mortes. Os descendentes de imigrantes acabaram por forçar a exclusão dos caboclos do lugar. Segundo relato de um morador (A) antigo “o branco era racista e era em menor quantidade de pessoas e numa briga de luta perderia para o negro, os branco então embebedava o caboclo para depois dar laço.”

Havia um grande conflito de interesses nos primeiros anos de povoamento do local onde hoje se situa a comunidade. Os brancos tinham intenções de tomar as terras dos moradores mais antigos. No lugar houve três Capelas até hoje, sendo a primeira um oratório com padroeiro São Sebastião sendo que este seria a imagem de um santo negro e é considerado padroeiro dos caboclos e a maioria deles era devota desse santo, mas na construção de uma segunda igreja, conforme o relato de um antigo morador (B) “de madeira tabua larga de 30 construída por Romano Saugo e José de Carli e com isso trocaram pela padroeira Nossa Senhora das Graças sendo essa até hoje no lugar”. A primeira missa rezada no lugar foi como inauguração da segunda igreja, rezada pelo Padre Estevão Voncoski, de São Valentim. A capela atual da comunidade é a terceira construída no lugar.

O cemitério que havia no lugar antes da chegada dos descendentes de imigrantes era utilizado pelos caboclos. Porém, os novos moradores não aceitaram dividi-lo com os caboclos e construíram um somente para eles. Assim, os caboclos tinham um cemitério que era em estilo de covas rasas e os novos moradores tinham outro cemitério que já tinha sepulturas mais organizadas e com lápides.

Quando morria alguém do lugar o mesmo era velado em sua própria casa, em um caixão feito artesanalmente, de tabuas largas. Dois moradores do lugar com experiências na em carpintaria auxiliavam a família do falecido confeccionando o caixão. Eram o Sr. João Sichazewski e Sr. Romano Saugo. Na hora do cortejo ir para o cemitério, eram utilizadas carroças tracionadas a boi para carregar o caixão. A carroça era adornada com flores colhidas no campo, e as mesmas eram utilizadas para homenagear o falecido.

Com o passar dos anos, e a consolidação da comunidade, houve um movimento por parte dos moradores para alterar o nome do lugar de Vau Feio para Santa Cruz. O nome sugerido originou-se por conta de uma Cruz erguida pelos missionários³, na década de 1960, próxima a escola da comunidade. A iniciativa popular teve apoio do então vereador do município de Campinas do Sul Venâncio Hugo Della Latta, e foi elaborado um requerimento e encaminhado para a apreciação da Câmara Municipal, com pedido para que permanecesse este nome em homenagem a cruz, e assim se procedeu.

Até a década de 1980, não havia eletricidade na comunidade. Por esse motivo, havia certa limitação na capacidade de armazenamento de alimentos perecíveis. O consumo de alimentos de origem animal, principalmente, era realizado de maneira que se aproveitasse ao máximo a carne e miúdos do animal, e o que era possível armazenar era colocado em latas, mergulhando a carne em banha animal, que auxiliava na conservação do alimento. Técnicas como a salga da carne também eram utilizadas. A produção do salame artesanal era muito praticada pelas famílias, e ainda hoje esse alimento tem destaque na mesa dos moradores da comunidade, por ser um alimento tradicional da culinária de origem italiana e por sua facilidade no preparo e armazenamento. Segundo relato do morador (B) da comunidade:

Não tinha luz, as carne de galinha, por exemplo, cozinhava quase toda ela, e o restante que não era cozinhado se cobria com sal. Os porcos cozinhavam todo ele, e deixavam guardado com a banha, aí não estragavam.

Os moradores contavam em sua comunidade com alguns estabelecimentos denominados popularmente como bodegas⁴. De acordo com a pesquisa, o lugar chegou a ter quatro bodegas, que eram estabelecimentos onde os moradores de Santa Cruz e de outras Comunidades realizavam compras de alguns mantimentos como querosene para os lampiões e liquinhos; velas, gêneros alimentícios, tecidos, roupas e bebidas. O pagamento dessas compras era realizado com produtos cultivados pelos agricultores. Havia uma forma de exploração da mão de obra de

³Missionário: s.m. Aquele que missiona. Aquele que se dedica à pregação de sua fé; pregador. Aquele que se dedica a propagar uma idéia; propagandista. (Do lat. *missio*)

⁴Bodega ou bodega (forma correta de escrever) A palavra bodega tem origem no espanhol *bodega*, que significa um porão, loja ou depósito onde se vende vinho a retalho. É um pequeno armazém de secos e molhados. É ainda um estabelecimento comercial onde são vendidas refeições e bebida alcoólicas, uma espécie de taberna.

caboclos por parte dos proprietários desses estabelecimentos. Os caboclos que viessem a contrair dívidas nas bodegas eram forçados a pagarem com mão de obra em forma de diárias nas propriedades dos credores. Muitas vezes essa mão de obra era usada entre os agricultores como moeda em negociações, pois um credor podia direcionar a mão de obra cabocla para a propriedade de outro morador (A) seguindo seus interesses.

[...] os negros eram peão dos brancos, durante a semana, carpavam pros branco no meio do milho trabalhavam um dia todo por um quilo de banha e no fim de semana apanhavam eram tipo escravo. – Depoimento em entrevista de um morador de 82 anos, de origem cabocla a respeito das relações entre brancos e caboclos no lugar.

No entanto, o grande movimento das bodegas se dava por conta dos homens do lugar que iam beber jogar baralho, bocha e conversar. Segundo entrevista com um morador que foi proprietário de uma bodega, os motivos pelo qual esses estabelecimentos desapareceram foram os clientes comprarem fiado e não pagarem e a concorrência dos supermercados que começaram a surgir na região nas décadas de 1970 e 1980.

Uma questão delicada do ponto de vista histórico e social foi à pressão mantida pelos descendentes de imigrantes sobre os caboclos para ficarem donos legítimos das terras. Como os primeiros moradores caboclos não tinham registros de suas terras, e houve uma rápida demarcação de terras por parte dos novos moradores. Muitas famílias de caboclos se viram morando de um dia para outro dentro de terras de outras famílias. Um espaço ocupado antes livremente por eles, onde praticavam basicamente a agricultura de subsistência, foi tomado por vias legais por agricultores oriundos de outras cidades. Esse choque de interesses e de costumes desencadeou uma intensa antipatia entre os dois segmentos de moradores.

A segregação religiosa foi um dos aspectos mais visíveis, além do notável sentimento de discriminação racial que se fez presente por muito tempo na comunidade. Tal aspecto da relação entre os caboclos e os moradores novos levou a um distanciamento socioeconômico visível ainda nos dias de hoje. As famílias de caboclos que não foram expulsas de suas residências, ou optaram por se adaptarem aos costumes ligados a cultura predominantemente italiana, ou conseguiram

legalizar suas terras e posteriormente as venderem para os agricultores da comunidade.

De acordo com os moradores, nas primeiras décadas do século XX o cultivo para venda era baseado em milho, feijão e trigo. Todo o plantio, até a colheita era de forma manual, com ajuda de instrumentos de trabalho manuais e de tração animal. O produto colhido era trilhado, ensacado e guardado apenas para o sustento da família. Produzia-se praticamente todo o sustento necessário para a alimentação da família. O porco era utilizado como fonte de carne e banha. A vaca também utilizada para consumo de carne fornecia o leite, e os bois para uso na lavoura. As galinhas forneciam carne e ovos.

Um dos principais fatores de integração de qualquer grupo social está situado nos códigos lingüísticos utilizados. Há uma característica que não se pode passar despercebida na comunidade, que é a linguagem corrente no local. Como a população da comunidade Linha Santa Cruz é constituída em grande parte de descendentes de imigrantes italianos a maioria deles utilizam a língua italiana e o português para a sua comunicação. Conversando com as pessoas da comunidade fica bem claro os dois dialetos pronunciados nas conversas. Observa-se ali outro tipo de língua adotada pela população, segundo Santos (1978, p. 07):

Agora as duas línguas figuram independentes uma da outra, fazendo a população uso de dois códigos separados com fins de comunicação que se pode realizar ora numa, ora na outra língua: é o stratum sócio-lingüístico ao qual o falante pertence que determina os fatores da escolha: os membros do grupo e a situação que caracteriza certas circunstâncias: no momento da comunicação mais formal, menos formal, íntima. O bilinguismo marca uma distinção social. E o grupo em situação de contato serve-se do dialeto quando o domínio particular está aberto ou apropriado para seu uso. Nos outros casos é o português a língua de comunicação. (SANTOS, 1978, p. 07).

O início da década de 1980 trouxe para o interior de Campinas do Sul a energia elétrica, que até então só havia chegado às sedes dos municípios. No entanto, a Comunidade Linha Santa Cruz enfrentou obstáculos para conseguir se beneficiar da eletricidade. Segundo os próprios moradores, a energia elétrica não seria fornecida até Linha Santa Cruz, por falta de infraestrutura para a linha de distribuição. De acordo com relato de um morador (C), a própria comunidade teve de trabalhar na viabilização da implantação da eletricidade:

Fizeram um mutirão para colocar os postes, para se puxar a luz. Fazer buraco, colocar os postes tudo a muque. Pra ver o que é a política... aquela vez iam fazer uma linha de luz somente até a escola. Aí eu falei com o prefeito na época e fizemos o mutirão [...] foi feito toda ligação em mutirão, e a CEEE ligou a luz. [...] Nós formava grupos de quinze e erguia os poste e cravava, e o meu caminhão ia levando os poste até perto dos buracos. E o cabeça do mutirão, que era o Chico [...] um especialista em explosão com dinamite. Ele fez o alinhamento lá do Saugo até aqui perto da escola tudo em linha reta.

As famílias de Linha Santa Cruz receberam energia elétrica em suas residências no dia 18 de abril de 1980, data até hoje lembrada pelos que moravam na linha que recebeu primeiramente a eletricidade. Isso porque alguns moradores de Linha Santa Cruz receberam eletricidade em suas residências mais tarde, em virtude da distancia de suas casas em referencia à linha de transmissão.

4.5 A VIDA RELIGIOSA DA COMUNIDADE

A Comunidade Linha Santa Cruz apresenta as mesmas características gerais de outras comunidades da região noroeste do Rio Grande do Sul. Uma dessas características, comum a todas elas, é o fato da religião ser o alicerce da formação da comunidade enquanto organismo social. Entender de forma concreta o significado da união em torno de uma crença na esfera de um grupo social que transcende a territorialidade convencional é uma tarefa complexa para o meio acadêmico. No entanto, compreender os códigos éticos e o contrato social que regem as relações de uma comunidade rural só é possível aprofundando-se um pouco em alguns aspectos da vida religiosa dos moradores e o impacto desses desdobramentos no coletivo do lugar.

No começo da formação da Comunidade Linha Santa Cruz, o acesso a todas as demandas dos moradores era dificultado pelo isolamento geográfico e pela ínfima estrutura viária da região. Essas dificuldades também impactavam com mesma proporção na vida religiosa. Nesse período o Batismo o Rito da Primeira Comunhão e Crisma, ocorria na própria capela da comunidade, em que uma vez a cada ano ou dois ou três anos, quando o Bispo passava pela comunidade realizava todos os Sacramentos no mesmo dia. Como era um acontecimento raro, e de grande importância para os moradores quem não tinha passado por esses ritos tinha de

passar nessa data. Havia pessoas de diferentes idades que recebiam o mesmo Sacramento, como também crianças com poucos dias de vida que recebiam todos os Sacramentos no mesmo dia e assim por diante.

Com o aumento da comunidade e a intensificação da comunicação viária entre os municípios da região e seus interiores, começou-se a dividir os Sacramentos do Batismo em cada missa que o Padre realizava no local com intervalos de cerca de um ou dois meses e o Rito da Primeira Comunhão uma vez por ano (FIGURA 08). E o Sacramento da Crisma também era realizado uma vez por ano na Paróquia à que a Capela pertencia e juntamente com pessoas de outras Capelas.

Figura 08 - Imagem de Rito da Primeira Comunhão realizado na segunda Capela de Linha Santa Cruz, Cruzaltense-RS em 1958.



Fonte: Arquivo pessoal da família Pasa.

Ao observarmos a Comunidade Linha Santa Cruz, podemos perceber que há um centro de referência social constituído da capela e do salão comunitário. Os homens se dirigem, no sábado e domingo à tarde, para o salão comunitário (Figura09), onde jogam bocha, baralho, bebem, contam histórias, conversam, trocam informação sobre os negócios, o plantio na lavoura, entre outras atividades.

Figura 09 - Imagem da realização de um curso de costura para as moradoras no salão comunitário da Comunidade Linha Santa Cruz oferecido pelo Sindicato dos Trabalhadores na Agricultura de Campinas do Sul, em 1976.



Fonte: Arquivo pessoal da família Lazarotto.

Os jovens além dos jogos citados acima jogam futebol, participam de campeonatos com disputa entre as comunidades vizinhas (Figura10), participam das festas e bailes, além disso, estão presente nas atividades da comunidade como nos encontro dos jovens (grupo de jovens da igreja da comunidade), nas apresentações teatrais realizadas em datas comemorativas e trabalhos comunitários. As mulheres comparecem na comunidade nos domingo de manhã quando acontece a “liturgia” semanal na igreja da comunidade. Grande parte dos moradores participa desse encontro religioso. O encontro da liturgia dominical é um momento em que os moradores também se encontram com amigos e familiares e realizam desse modo maior, sociabilidade.

Figura 10 - Imagem de um dos primeiros times da Comunidade Linha Santa Cruz, em (1962). Em pé: Joanin Calonego, Arlindo Conte, Pedro Saugo, Sebastião de Oliveira, Antônio Conte e Selvino Conte. Agachados: José Padilha, Olivo Calça, Arlindo Fritz, Armelindo Pasa e Juraci Duciatti.



Fonte: Arquivo pessoal da família Pasa.

Entre as formas de sociabilidade, há ainda a “festa da padroeira” Nossa Senhora Das Graças, realizada na própria comunidade no mês de novembro. Esse evento é organizado pelos moradores da comunidade. Nesse dia, a igreja é preparada especialmente para a celebração. Tais preparativos, assim como organização do salão da comunidade ocorrem num período de cerca de uma semana antes da festa. Durante os preparativos, é visível a alegria e ansiedade pela chegada da data da festa por parte de toda comunidade. Na festa ocorre a integração com outras comunidades vizinhas do município que prestigiam as

comemorações da mesma forma que os moradores de Linha Santa Cruz prestigiam as comemorações das comunidades vizinhas. O sacramento da Primeira Comunhão das crianças catequizadas também ocorre no dia da festa da padroeira. Dentre os participantes da festa, muitos são ex-moradores da comunidade.

5 COMUNIDADE LINHA SANTA CRUZ E AS TRANSFORMAÇÕES

A Comunidade Linha Santa Cruz sofreu muitas transformações com o passar dos anos. Ao realizarmos alguns diálogos exploratórios com os moradores mais antigos, percebe-se que as transformações ocorridas na Comunidade foram diversas e impactaram de forma direta na vida dessas famílias. Ao observarmos as características atuais do lugar e compararmos com a descrição dos moradores mais antigos, podemos constatar a grande transformação que as relações sociais e também produtivas sofreram nesse período.

Remontando aos primórdios do estabelecimento de uma comunidade na área de estudo em questão, formada, sobretudo por descendentes de imigrantes de origens italiana, alemã e polonesa, encontramos muitas transformações ocorridas. Porém, é importante enfatizar que essas transformações não foram às primeiras ocorridas, e sim uma sequência de contínuas construções e desconstruções sociais que ocorreram no lugar. No entanto, a presente pesquisa se propôs a descrever as transformações ocorridas após o advento da formação da Comunidade Linha Santa Cruz. Quando do início do povoamento pelos descendentes de imigrantes, o até então chamado “Vau Feio” tinha como moradores dezenas de famílias de caboclos. A chegada desses novos moradores, somada à reconfiguração dos limites das propriedades, a geração de conflitos de interesses particulares e também conflitos de cunho racial.

O espaço social de Linha Santa Cruz foi historicamente formado por núcleos familiares vinculados inicialmente à produção para auto-consumo e mercados locais. Com o passar dos anos, e o avanço nas técnicas agrícolas e o aumento da influência de mercados regionais sobre a economia local levaram a uma reordenação da matriz produtiva e das prioridades econômicas dos núcleos familiares de agricultores do município e da região.

De acordo com Gonçalves (2004), a explicação racional para o fenômeno da mecanização da atividade agrícola e inclinação à monocultura se baseia em um discurso que desqualifica economicamente e socialmente a pequena produção agrícola, que é apresentada como sendo atrasada, improdutivo e incapaz de se auto-sustentar. A afirmação de Gonçalves (2004) é de que esses argumentos apresentam a leitura capitalista de uma realidade social e econômica que não atende as necessidades específicas do grande capital.

A modernização do espaço rural se deu de forma desigual entre os interiores do Brasil. No entanto, de forma muito mais uniforme se deu o avanço da obsolescência da mão de obra rural. Com a produção perdendo sua diversidade típica da agricultura familiar para mercado interno, e à medida que a monocultura avança, é previsível que haja uma gradual migração de moradores do campo para as cidades. Sobretudo essa migração se dá na forma dos filhos dos agricultores que procuram emprego nos centros urbanos mais próximos a sua comunidade de origem.

5.1 AS TRANSFORMAÇÕES NO TRABALHO E NA PRODUÇÃO

A evolução tecnológica dos meios de produção gradativamente foi sendo incorporada ao trabalho em Linha Santa Cruz. Porém, uma das transformações mais visíveis no cotidiano dos moradores da comunidade diz respeito ao trabalho e meio de produção usados. Até a década de 1970, o cultivo era baseado no trabalho com ferramentas manuais e tração animal. Segundo relato de um morador (B) da comunidade, o cultivo era “[...] trigo, milho. Feijão plantavam à maquininha manual e o trigo a boi arado, semeava e depois enxada e arado. Esse era o meio de viver. Plantava milho de enxada também.” As técnicas de cultivo eram basicamente manuais, com exceção do uso da tração animal nos arados puxados a boi. A produção familiar basicamente atendia a demanda de consumo do próprio núcleo familiar e um mercado local onde predominava as relações comerciais entre vizinhos ou pequenos estabelecimentos comerciais próximos. De acordo com relato de morador (B) da comunidade:

... (o cultivo) dava menos (dinheiro) porque valia menos. Hoje vale mais, e tudo se movimentava a cavalo, não se tinha carro ou caminhonete. Uma vez era tudo na experiência. Olhava o céu e deduzia se ia chover ou não. Não existia previsão. Era mais sofrido, se passava mais fome. Se trabalhava um dia de serviço por um quilo de banha. Agora as coisas valem mais, antes só se fazia para a comida. E ninguém ia para a cidade. O que se precisava, ia na bodega. Os negócios eram feitos só na palavra.

As relações de trabalho tiveram poucas mudanças com o passar dos anos, mantendo-se basicamente a mão de obra familiar de regime não-assalariado. Ocasionalmente, de acordo com demandas específicas de um núcleo familiar,

ocorre a execução de jornadas de diaristas. São diaristas normalmente os filhos de agricultores ou algumas vezes os próprios agricultores do local que oferecem sua mão de obra disponível para complementar a força de trabalho de um núcleo familiar vizinho, recebendo por esse trabalho pagamentos por jornadas diárias.

Outra relação de trabalho aquém do trabalho familiar se dá na chamada “empreitada”. Trata-se de um acordo informal de trabalho onde o proprietário da terra oferece determinado valor para um trabalhador realizar determinada tarefa, independente do prazo que leve a concluir tal trabalho. As tarefas oferecidas em regime de empreitada normalmente despendem de quem a realiza o esforço e tempo que não são disponíveis, no caso das famílias que contratam a empreitada tenham tarefas diárias estabelecidas.

Como em muitas regiões do interior do Rio Grande do Sul, também ocorre a ajuda mutua nos trabalhos da agricultura em Linha Santa Cruz. Existe a troca de dias de serviço, quando a família não consegue dar conta dos serviços, e o agricultor pede ajuda para o vizinho, havendo expectativa de que essa ajuda seja retribuída com um tempo de trabalho equivalente. Segundo Santos (1978), essa retribuição é feita de modo particularizado, diretamente do agricultor que recebeu ajuda àquele que a forneceu. Existe também a realização de mutirões - chamados localmente por “puxiron”- que ocorrem em casos de doença ou outros acontecimentos, quando alguns moradores da comunidade auxiliam a família a executar as tarefas de que não conseguem realizar por algum motivo determinado (seja por um dos membros da família estar incapacitado, seja pela ocorrência de danos materiais por acidentes da natureza).

Outro ponto marcante relacionado à atividade produtiva na comunidade é a questão dos homens - principalmente os jovens - quando fora da temporada de trabalhos na agricultura (normalmente entre os meses de janeiro e fevereiro), os mesmos vão para a Região de Colonização Italiana do Rio Grande do Sul, nos municípios de Bento Gonçalves, Caxias do Sul, Farroupilha, Flores da Cunha, Garibaldi, entre outros municípios dessa região. Esses agricultores vão trabalhar na temporada de colheita da uva. Esse tipo de relação de trabalho pode ser considerado como “trabalho acessório”, e com isso ocorre à transformação periódica do agricultor em trabalhador assalariado, recebendo por dia trabalhado. Segundo Santos (1978, p.37) “Nesse caso, o camponês passa a ser um assalariado temporário de outro camponês, cuja família não basta para o desempenho das

tarefas agrícolas”. É um meio de ganhar um dinheiro extra que entra na sustentabilidade da família e até mesmo os jovens usam para seu lazer.

Os moradores da Comunidade Linha Santa Cruz plantavam e colhiam em suas propriedades diversos alimentos e grãos para comercialização. O solo que antes da chegada dessas famílias era praticamente virgem ofereceu colheitas satisfatórias. Segundo morador (B) antigo de Linha Santa Cruz:

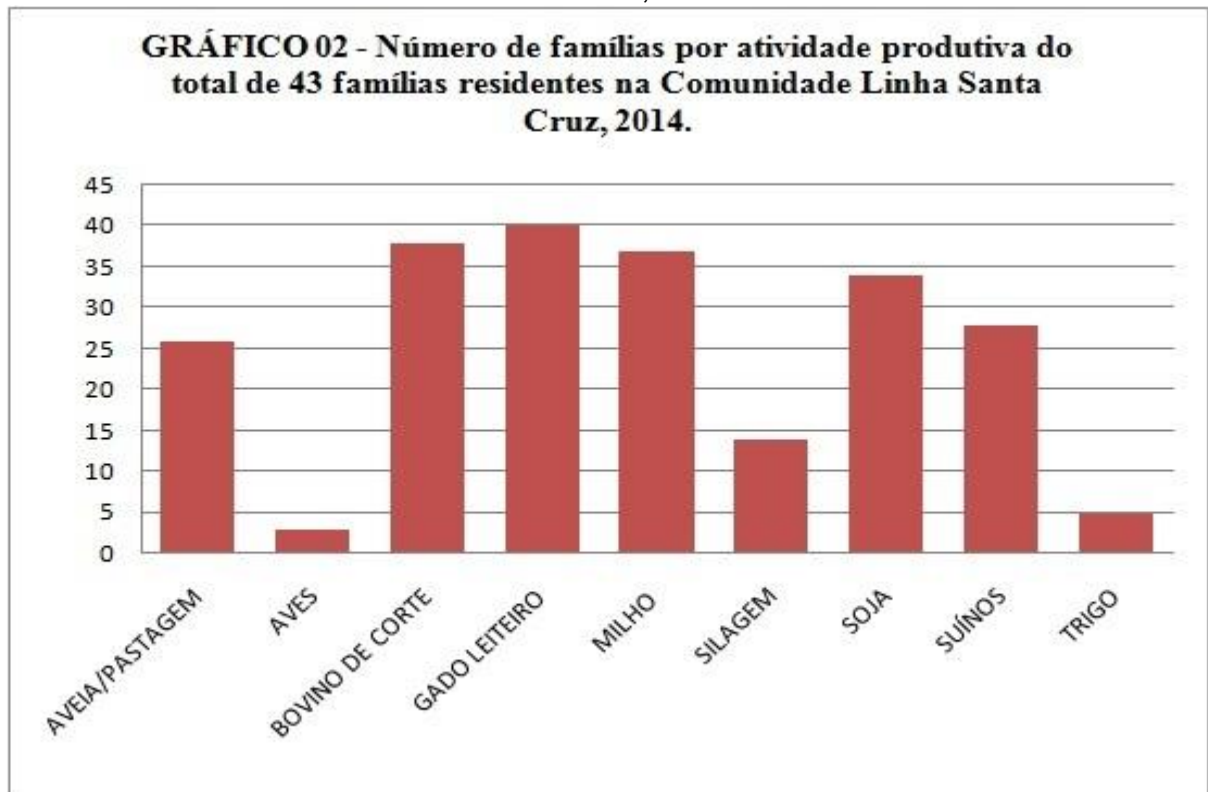
[...] se plantava sem adubo, as (terras) eram boa. As colheitas eram fartas. O trigo dava sessenta sacos por um, sem pôr nada (na terra), bem mais que hoje. Só valia pouco, a terra era boa e não tinha tanto inseto como tem hoje em dia. Hoje se planta num dia, tem que passar veneno no outro, por causa da lagarta e outras pragas. Quando a terra acabou de produzir [...] e o povo não tinha dinheiro para investir na terra para produzir, o povo foi embora, vendendo suas terras por pouco e nada, mas já ficando feliz por ter conseguido vender. A terra já não vencia dar sustento, e tinha famílias grande nas terras, já se passava necessidade. O jeito era vender as o que se tinha e trabalhar na cidade. Só ficava os mais velhos, os que conseguia uma aposentadoria, porque só da terra não tinha como viver.

As transformações na matriz produtiva, nos meios de produção, assim como na forma como o agricultor realiza seu trabalho diário reduziram consideravelmente a aplicação da força física na realização de suas tarefas. Segundo Alves (2005, p.15 e 16):

[...] Pode se dizer que hoje a situação melhorou muito, comparando com aquela época, pois a maioria dos agricultores, hoje, possui equipamentos e implementos que os ajudam desde o plantio até a colheita e os mesmos utilizam o sistema de plantio direto. Os agricultores que não possuem implementos utilizam os da Patrulha Agrícola do município que está disponível para a população. (ALVES, 2005, p.15 e 16).

Atualmente há em Linha Santa Cruz uma produção concentrada em determinados produtos específicos da agricultura familiar da região, se destacando o cultivo da soja, conforme Gráfico 2.

Gráfico 02 - Número de famílias por atividade produtiva do total de 43 famílias residentes na Comunidade Linha Santa Cruz, 2014.



Fonte: EMATER/ASCAR – RS e Conselho Comunitário da Comunidade Linha Santa Cruz, Cruzaltense, RS, março de 2014.

A grande mudança na organização do trabalho se deu concomitante à introdução da soja como cultivo predominante. A forma de cultivo desse grão proporciona um reaproveitamento da área de plantio em outras épocas do ano para plantio de pastagens, cevada ou trigo. Esse remanejamento da terra trouxe uma nova ordenação do calendário agrícola dessas famílias. Em Linha Santa Cruz a predominância de cultivo entressafras se dá na pastagem, muito utilizada para manutenção do gado leiteiro. De acordo com Della Latta (2004, p.63):

Dali em diante vieram os tempos áureos da soja onde os agricultores começaram a ganhar dinheiro, e investir em veículos, máquinas, e melhorias em suas instalações. Os que venderam e saíram, anos mais tarde voltando a passeio, admiravam-se das transformações ocorridas na agricultura campinense. Houve até quem chorasse por haver precipitadamente saídos destas terras e poder ver o lugar que era seu produzindo da forma que produzia. (DELLA LATTA, 2004, p.63).

Entre as famílias de Linha Santa Cruz o cultivo predominante é a soja, seguida pelo milho. No entanto, merece destaque o cultivo de uvas, que são encontradas nos parreirais em diversas espécies. Parte da produção é comercializada *in natura*, porém a maioria das famílias produz artesanalmente seu próprio vinho, que é consumido durante o ano e também vendido seu excedente.

Uma transformação importante que diz respeito ao trabalho, se dá no maior aproveitamento do tempo de execução das tarefas no campo, utilizando-se de meios de produção que aperfeiçoam o esforço aplicado pelo trabalhador, assim aumentando seu tempo livre, o que acaba por incorporar novas atividades no seu cotidiano. Segundo Copatti (2010, p.109):

A diversificação no processo produtivo das propriedades rurais confere novas forças de adaptação porque transforma a capacidade produtiva das propriedades rurais, aumentando a rentabilidade. Por este motivo, também ocorre rápidas transformações na natureza e na cultura. (COPATTI, 2010, p.109).

A redução do esforço de trabalho na agricultura proporcionou às famílias tempo disponível para incorporarem novas atividades produtivas, e também dedicação às atividades comunitárias. Uma atividade produtiva que vem sendo incorporada por muitas famílias da comunidade é a produção de leite. Algumas famílias inclusive produzem artesanalmente queijos com matéria-prima produzida em suas propriedades.

A introdução do gado leiteiro na produção das famílias marcou uma mudança significativa no trabalho familiar. O aumento gradual de vacas leiteiras nas propriedades foi alavancado pelos bons rendimentos dos primeiros moradores a venderem leite na comunidade.

Até a década de 1980, a produção de leite se dava apenas para consumo familiar, e pequena comercialização de queijo. Nessa década começaram passar pela comunidade os caminhões leiteiros, que recolhem a produção das pequenas propriedades e levam para as empresas de laticínios.

As famílias de Linha Santa Cruz passaram a investir com maior intensidade sua força de trabalho na produção leiteira a partir dos anos 2000, mais precisamente após o ano de 2002, que coincide com o surgimento dos programas federais de incentivo à agricultura familiar, o maior acesso a financiamentos através do Banco

do Brasil e cooperativas de crédito regionais. A atividade da bovinocultura leiteira também se torna um fator importante na renda das famílias e uma atividade econômica que se torna sustentável. De acordo com Klauck (2009, p.02):

A agricultura familiar proporciona esta alta flexibilidade de adaptação a diferentes processos de produção e introduz a modernização agrícola de algumas cadeias agroindustriais. A bovinocultura leiteira destaca-se na agricultura familiar e atua no resgate da dívida social mediante a geração de emprego, renda e segurança alimentar. Ela também atua na preservação ambiental, atendendo as atuais necessidades capitalistas sem afetar irremediavelmente o meio ambiente. (KLAUCK, 2009, p. 02).

A bovinocultura leiteira tem atualmente uma importância relevante na economia das famílias de Linha Santa Cruz. A principal produção das famílias da comunidade ainda é a soja, mas a produção de leite proporciona renda durante o ano todo, e não se resume a uma safra específica. O aumento da produção leiteira na região atraiu o olhar econômico de diversas empresas e grandes cooperativas do setor de laticínios, que oferecendo seus serviços de compra e coleta do leite *in natura* buscam a fidelização das famílias enquanto fornecedoras. A diversidade de empresas que atendem a região com seus caminhões coletores acaba por criar uma concorrência benéfica para o produtor em relação ao valor do litro do leite. Os bovinocultores de leite de Linha Santa Cruz costumam firmar parcerias de fornecimento com as empresas de coleta e manterem esse fornecimento, somente trocando de empresa por motivos de mudança brusca no valor do litro do leite. Klauck (2009, p.13) afirma o seguinte:

A atividade leiteira tem um importante papel na sustentabilidade das propriedades agrícolas familiares, tanto no auto-consumo, como na geração de renda, sobretudo diária. Além disso, a consolidação de uma bacia leiteira pode proporcionar uma série de melhorias para a qualidade de vida das famílias, como manutenção das estradas, facilidade de transporte, acesso à saúde e educação, consolidação dos comércios locais, emergências de pequenos núcleos urbanos, valorização da terra e fixação das famílias no campo para que não ocorra o êxodo rural. (KLAUCK, 2009, p.13).

Uma transformação que o aumento da produção de leite também trouxe à Comunidade Linha Santa Cruz foi o aquecimento da economia familiar advindo da comercialização de queijos artesanais. Algumas das famílias produzem queijos artesanais e os comercializam na própria comunidade ou nas cidades de Cruzaltense e Campinas do Sul.

Segundo dados da EMATER/ASCAR-RS de Cruzaltense, dentre os diversos programas de incentivo à agricultura familiar, entre os moradores de Linha Santa Cruz destaca-se o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF). O PRONAF se destaca pela abrangência e diversidade de linhas de crédito que dispõe, e tem como objetivo:

[...] apoiar financeiramente as atividades agropecuárias ou não-agropecuárias para implantação, ampliação ou modernização da estrutura de produção em estabelecimentos rurais ou em áreas comunitárias rurais próximas, de acordo com projeto específico, assim promovendo o aumento da produção e da produtividade e a redução dos custos de produção, visando à elevação da renda da família produtora rural. (BRASIL, 2014).

Em Linha Santa Cruz, todas as nove famílias entrevistadas faziam ou já fizeram uso dos benefícios de alguma linha de crédito ligada ao PRONAF, além de créditos voltados para o subsídio de reformas e construções de moradias. Além desse programa, também são lembradas pelos moradores as cooperativas de crédito que oferecem empréstimos e financiamentos com taxas de juros atrativas às famílias que buscam investir no seu trabalho ou até mesmo em reformas de moradias.

Os moradores de Linha Santa Cruz destacam as transformações que ocorreram na comunidade após o aumento da produção leiteira. A introdução de novas técnicas e novas tecnologias levou os trabalhadores a se atualizarem em conhecimentos de interesse da produção. Os incentivos do governo e financiamentos bancários acessíveis facilitaram o acesso a maquinário moderno, como as ordenhadeiras automáticas (Figura 11A e 11B).

Figura 11A - Ordenha automática em operação na propriedade da família Bertotti.



Fonte: Suzana F. B. Medeiros, março de 2014.

Figura 11B: Resfriador elétrico na propriedade da família Bertotti.



Fonte: Suzana F. B. Medeiros, março de 2014.

As mudanças na rotina de trabalho das famílias também são sensíveis aos sujeitos do lugar. A redução do esforço no cultivo da lavoura proporcionou tempo livre para dedicação a atividades produtivas mais variadas. Como afirma um morador (D) da comunidade:

Uma vez era tudo a mão, mas mesmo hoje estando bem melhor eu tenho saudade daquele tempo da maneira de viver de chegar podre de cansado da roça e ir direto pro rio tomar banho. Hoje se é tomado conta para a tecnologia, mas se tem perda de valores de antigamente. A tecnologia no investimento do leite é a melhor coisa, é o meio mais fácil de se ter dinheiro na agricultura.

Os moradores de Linha Santa Cruz reconhecem que as transformações no perfil produtivo das famílias também trouxeram mudanças na paisagem do lugar. No caso da produção de leite, a destinação de áreas cultiváveis para o plantio de pasto aumentou consideravelmente nos últimos anos. Uma técnica muito utilizada para manejo estratégico do rebanho e melhor aproveitamento do solo é a construção de piquetes nas terras destinadas ao plantio de pasto. Os piquetes são áreas de pastagem medidas de acordo com o tamanho do rebanho e período de descanso do pasto após a passagem do gado pela área. Sua demarcação antes feita com arame farpado, hoje é realizada com um fio de aço ligado a corrente elétrica, chamado de “choque”.

A introdução da técnica da silagem contribuiu para o melhor rendimento da produção leiteira e maior aproveitamento da área de milho plantada. A silagem, de acordo com Embrapa (2014), consiste no seguinte procedimento:

É a forragem verde armazenada na ausência de ar e conservada mediante fermentação em depósitos próprios, chamados silos. Várias forrageiras, sozinhas ou combinadas podem ser ensiladas. O valor nutritivo da silagem vai depender principalmente da forrageira utilizada. O milho, o sorgo e o capim-elefante são as principais forrageiras usadas para ensilagem, sendo o milho a mais comum e de maior valor nutritivo dentre essas três. Recentemente, os capins tanzânia e mombaça e o girassol passaram a ser utilizados na confecção de silagem. Devido à sua menor digestibilidade, a silagem de sorgo tem apresentado 70 a 90% do valor nutritivo da silagem de milho. A silagem de capins elefante, mombaça e tanzânia é, qualitativamente, bem inferior à do milho e à do sorgo, enquanto a de girassol apresenta valor intermediário. (EMBRAPA, 2014).

No município de Cruzaltense, de acordo com o Secretário da Agricultura Roselei Luis Ilchenco, a Prefeitura Municipal disponibiliza para os agricultores o serviço da Patrulha Agrícola, que conta com maquinários e operadores profissionais

que visam atender as necessidades dos produtores do município. O procedimento de silagem requer utilização máquinas forrageiras e escavadeiras, para o preparo da forragem e para a escavação do silo. A técnica da silagem é utilizada por muitos dos produtores de leite de Linha Santa Cruz, em virtude do maior aproveitamento da produção leiteira, e da disponibilidade de nutrientes para o rebanho, sobretudo em épocas de escassez de pastos.

5.2 AS TRANSFORMAÇÕES NO ENSINO ESCOLAR

Nas primeiras décadas da Comunidade Linha Santa Cruz, os moradores encontravam grande dificuldade para chegarem até as cidades mais próximas. Além das distâncias, havia a questão dos obstáculos naturais que eram impostos no caminho, como travessias de rios, sangas, terrenos alagados, matas fechadas, entre outras adversidades. Até mesmo necessidades básicas, como questões de saúde ficavam comprometidas por conta dessas adversidades.

Quanto à questão da educação, os moradores de Linha Santa Cruz não tinham opções para seus filhos estudarem, pois a distância tornava inviável o deslocamento de crianças e jovens para as escolas. Outro aspecto interessante que diz respeito às comunidades é o interesse comum entre os membros de proporcionarem uma educação que fosse voltada aos costumes e religião da comunidade. Por esse motivo, muitos moradores tiveram suas aulas de catequese no mesmo prédio da escola normal, pois a educação até meados da década de 1980 mesclava os dois ensinamentos. Conforme destaca Della Latta (2004, p.100)

Uma das grandes preocupações, de todas as capelas, sempre foi a parte Educacional e Religiosa, sendo estas suportes poderosos nas horas de dificuldades. Assim sendo, os membros de cada comunidade buscavam fazer com que ao lado da Capela sempre se construísse uma Escola. A maioria dessas, nos dias atuais, por mudanças da política educacional inserida pela Lei de diretrizes e Bases da Educação, foram desativadas, onde os alunos passaram a frequentar as Escolas da sede Municipal.(DELLA LATTA, 2004, p.100)

A presente pesquisa buscou resgatar a história da escola Dona Clara Camarão, construída na Comunidade Linha Santa Cruz, que teve como mantenedora a Prefeitura Municipal de Campinas do Sul, e a partir do ano de 1997, a Prefeitura Municipal de Cruzaltense. Buscando nos arquivos das duas prefeituras, foi constatado que os documentos mais antigos respectivos à escola encontram-se

atualmente na Secretaria de Educação do Município de Cruzaltense. Após pesquisa junto aos arquivos dessa secretaria, foi encontrado o livro de atas da escola que conta com a primeira ata datando do ano de 1961.

O resgate da memória de um lugar busca trazer à luz quais os aspectos sociais que se desenvolveram ao longo do tempo e culminaram na atual construção social. Sendo assim, a pesquisa documental tem um papel fundamental na construção de uma descrição histórica da Comunidade Linha Santa Cruz. No que diz respeito às transformações na educação ocorridas em Linha Santa Cruz, é válido ressaltar o que diz Corsetti (2013, p.05):

Assim, em termos historiográficos, estudar essas instituições implica em resgatar documentos, textos, memórias orais, arquivos, fotos e todo o material que ajudar a reconstruir a história como um todo. É preciso imergir no cotidiano de uma instituição para poder entender todo o processo envolvido. As instituições educativas têm uma estrutura física e uma estrutura administrativa. É necessária se analisar as duas, pois ambas são importante para que possamos fazer a análise de todo o contexto.(CORSETTI, 2013, p.05).

Ao analisar as atas dos primeiros anos, aliadas ao depoimento de moradores de Linha Santa Cruz observam-se uma quantidade grande de alunos na escola. No primeiro ano letivo da Escola Dona Clara Camarão, de acordo com o livro de atas foram registrados na ata inaugural 72 alunos matriculados, dos quais compareceram ao exame final 49 alunos. Nos anos seguintes as turmas apresentavam números semelhantes, ou até maiores de alunos matriculados. O que contrasta com os registros dos últimos anos da escola, que entre os anos de 2005 a 2008 não registrou nenhum aluno matriculado. De acordo com moradora (E) da comunidade, que estudou na escola:

O tempo em que eu estudava, tinha primeira, segunda, terceira e quarta séries, todas na mesma sala. E só com uma professora. Os alunos do terceiro e quarto ano ajudavam a dar aula para os alunos do primeiro e segundo anos. Se ajudava a professora a fazer a merenda, pois era ela que fazia, e todo dia se fazia limpeza da escola e do pátio. A professora tinha só formação de magistério, e nunca teve curso de aperfeiçoamento.

O ensino era multisseriado, e a professora realizava todas as tarefas da escola, por ser a única funcionária. A professora que atuava na escola era funcionária do município, e o prédio também era mantido com recursos municipais. Juntamente com a escola, foi instalada no prédio a Central Telefônica da

Comunidade Linha Santa Cruz. Essa central realizava a comunicação telefônica entre ramais do município. Seu uso se tornou obsoleto apenas com o advento da telefonia móvel, que tornou possível a aquisição de telefones individuais para cada família. O prédio em que funcionava a escola (Figura 12) tinha uma sala de aula, um refeitório, uma central telefônica e um banheiro.

Figura 12 - Prédio desativado da Escola Municipal de Ensino Fundamental Dona Clara Camarão, outubro de 2010.



Fonte: Suzana F. B. Medeiros.

Com a diminuição da quantidade de crianças no campo, e o êxodo dos jovens para as cidades, as turmas da escola diminuíram gradativamente em número de alunos. Após anos sem alunos suficientes para abertura de uma turma, e com a publicação do Decreto Municipal nº 464/09, de 31 de julho de 2009, que desativava as escolas das comunidades de Linha Treze, Linha São Roque e Linha Santa Cruz, o município passou a concentrar a educação de nível fundamental na sede no município. A partir desse ano, os alunos da área rural do município passaram a estudar na Escola Municipal de Ensino Fundamental Osório Duque Estrada. Essa medida visava do ponto de vista da administração municipal uma melhor qualidade de ensino aos alunos da rede escolar.

O transporte dos alunos para a escola no perímetro urbano se dá até os dias de hoje por ônibus particular, que trabalha para a prefeitura como transporte escolar e de passageiros das comunidades onde passa, as quais pagam uma tarifa de cerca de cinco reais por viagem. No entanto, um pouco das características da forma de ensino até então realizado na Comunidade se transformou com a mudança para aulas no perímetro urbano. Segundo Copatti (2010, p.105-106):

Ao transferirem-se os alunos para o meio urbano, alteraram-se alguns referenciais importantes para a cultura deles. Os educandos passam a adquirir formas distintas de percepção do mundo, tornando-a diferente do que costumam viver no meio rural. Dessa forma, acabam por perder parte de sua identidade local, deixando-se atrair pelo novo, o que, muitas vezes, leva-os a perderem o interesse pelo campo e pela cultura rural.(COPATTI, 2010, p.105-106).

Após o Decreto Municipal nº 609/12, de 24 de maio de 2012, que extingue a Escola Municipal de Ensino Fundamental Dona Clara Camarão, o prédio onde a mesma se localizava foi demolido pela prefeitura. Como o prédio havia sido construído em uma propriedade de um morador que cedeu o espaço à então Prefeitura de Campinas do Sul, após a demolição do prédio, o terreno foi devolvido a família proprietária. A escola localizava-se próxima ao cemitério, e ao seu lado havia duas bodegas, um moinho e três casas de moradores. Atualmente, no local resta apenas uma moradia de uma família ainda residente no local. O restante das casas e o moinho foram demolidos e deram lugar ao plantio direto da soja.

5.3 AS TRANSFORMAÇÕES NOS COSTUMES

Como destacado anteriormente, nas primeiras décadas da comunidade havia pouco tempo livre para atividades de socialização entre os moradores, como práticas culturais, o lazer e práticas religiosas devido ao trabalho ainda basicamente manual na agricultura. A rotina de trabalho iniciava até mesmo antes do amanhecer e se estendia até o sol se pôr. Um exemplo dessa rotina é observado na declaração de um morador (B) entrevistado:

Mudou muito mesmo. Nuns dia de sol igual esse uma vez todo mundo tava arcado cortando trigo ou lavrando no sol quente. Hoje ninguém vai. Vê a diferença: uma hora da tarde, no forte do calor iam com o calor mesmo trabalhar. Agora é tudo as máquina e se fica na sombra só oiando.

Uma das mudanças que mais impactou no dia-a-dia dos moradores de Linha Santa Cruz se deu com a transformação nos meios de produção, o que resultou em maior tempo disponível para atividades voltadas à socialização entre as famílias da comunidade. Desse modo, os costumes que já eram praticados naqueles tempos continuaram a ser praticados e muitos deles aprimorados, como é o caso das encenações realizadas em datas especiais.

Uma das formas de sociabilidade entre as famílias é o lazer em comum. Um costume muito praticado entre os vizinhos é a visita à tarde. Nessa visita as famílias se reúnem, geralmente durante o dia, na parte da tarde, em épocas que não ocorre o forte da safra dos produtos, para troca de conversas, para tomar um chimarrão, comer amendoim, batata-doce, pinhão, pipoca, bolo, bolacha, cuca entre outras. Outra socialização semelhante é o chamado “serão” ou o “filó”, em que famílias se reúnem numa casa pela parte da noite após o jantar e trocam idéias e conversas, tomam um vinho e realizam refeições leves. Nesses encontros ocorre a interação entre os membros de ambas as famílias, sendo uma oportunidade de troca de informações pertinentes ao trabalho e dia-a-dia na comunidade.

Entre as práticas de socialização observadas na comunidade também se encontram iniciativas organizadas pela Paróquia a qual a comunidade pertence. Um dos eventos que mais se destacam nesse sentido é o chamado Encontro de Famílias. De acordo com o ministro da comunidade, trata-se de uma iniciativa da Paróquia para fortalecer a presença das famílias na Igreja e uni-las entre elas.

Os encontros são organizados previamente pela Paróquia sempre 30 dias antes de datas importantes do calendário católico, como a Páscoa e o Natal. O conselho comunitário escolhe um membro da comunidade para ser o líder dos encontros de família. Esse líder fica responsável por repassar para cada grupo de famílias o material e os temas dos encontros. Os grupos são compostos geralmente por quatro ou cinco famílias próximas. Dentro de cada grupo é escolhido um líder, que se responsabiliza por organizar os encontros, que ocorrem uma vez por semana dentro dos 30 dias em que se realizam as atividades dos Encontros de Famílias. A cada semana o encontro é realizado em uma família, e ao final de cada reunião é realizada uma confraternização com comidas e bebidas.

As atividades realizadas nos encontros são relacionadas a um tema proposto pela Paróquia, que sempre envolve questões de temática religiosa e voltadas para a atualidade. São propostas atividades que visam fortalecer os laços de união entre as

famílias e o sentimento de solidariedade entre elas. A abertura e o encerramento dos encontros são realizados na Capela da comunidade.

Segundo morador (E) da comunidade, esses encontros de família são uma forma de fortalecimento do sentimento de pertencimento à comunidade: “Nóis se sentimo bem em ter esses encontro. Porque não é só a reza que faz nós se sentir bem, mas sim o sentido de estar reunido com a comunidade, com as famílias. De se estar perto de um lugar onde todo mundo tá reunido com bom pensamento”.

O costume da Capelinha ainda se faz presente entre as famílias que moram em Linha Santa Cruz. A Capelinha consiste em uma imagem pequena da padroeira da comunidade, Nossa Senhora das Graças, que é instalada em uma capela de madeira e passa 24 horas em cada casa da comunidade. Cada família recebe a Capelinha de seu vizinho, fica com ela em sua casa e repassa para o vizinho seguinte após um dia. Para os moradores de Linha Santa Cruz essa tradição é muito importante, pois o significado da presença dessa imagem em suas casas é de proteção e benção.

O conselho comunitário escolhe entre os membros da comunidade duas mulheres que se encarregam de zelar pela organização da passagem das Capelinhas. Entre as funções que elas desempenham se destacam recolher uma das Capelinhas na ocasião de falecimento de um membro da comunidade para colocarem a imagem junto ao velório. Também é de responsabilidade das zeladoras recolherem uma vez por ano as Capelinhas para levá-las à Paróquia de Campinas do Sul por ocasião da Festa das Capelinhas, onde cada comunidade leva a sua imagem e são realizadas procissão, missa e festejos em homenagem às Capelinhas.

Como a comunidade possui muitos sócios, não apenas a imagem da padroeira circula pelas casas, mas também a imagem de Nossa Senhora de Fátima passa pelas famílias. No mês de dezembro, as zeladoras se encarregam de recolher para a Capela da comunidade as Capelinhas e passam para as famílias a imagem do Menino Jesus, em um cesto de vime.

Uma tradição que se perdeu com o passar do tempo foi à reza do terço pelas famílias vizinhas nas casas onde a Capelinha se encontra. Hoje em dia, cada família realiza o terço em sua casa na ocasião da Capelinha.

A organização das festividades também se dá nos casamentos, acompanhados de grandes festas oferecidas aos vizinhos e parentes, sempre

marcados pela ajuda mútua da comunidade. As celebrações de bodas de casamentos e encontros de famílias de mesmo sobrenome também são realizadas no salão comunitário. Os sócios da comunidade têm direito de utilizar o salão comunitário, seus utensílios e até mesmo a Capela para cerimônias, e celebrações particulares.

Uma tradição que começou nos anos 1970, e que ainda hoje resiste são as encenações realizadas pelos jovens da comunidade. Em datas comemorativas, como Páscoa, Dia das Mães, Dia dos Pais e Natal são organizadas encenações planejadas e organizadas pelos jovens da comunidade. Até a década de 1980 as encenações eram realizadas de forma mais simples e com menos recursos, devido ao pouco tempo disponível dos jovens da comunidade que trabalhavam com suas famílias.

As encenações são realizadas em formato de teatro e encenadas na Capela ou no salão comunitário. Os temas propostos variam de acordo com a data a ser homenageada, e envolvem temáticas diversas como passagens bíblicas, letras de músicas, e também criações próprias dos jovens. Para realizar as encenações, os jovens se utilizam de recursos próprios do lugar. Os cenários criados envolvem utensílios, móveis, objetos, animais reais e plantas recolhidos nas casas deles próprios.

As encenações mobilizam muitos jovens e também moradores mais velhos que ajudam de uma forma ou outra. Os preparativos começam semanas antes das apresentações. Cada detalhe é pensado pelos jovens, que se dedicam com muita vontade à realização da encenação. As apresentações sempre emocionam a todos que assistem, sobretudo nas datas em que se homenageiam as mães ou os pais. De acordo com uma moradora: “[a encenação] é fazer uma homenagem como para as mães, sendo que são pessoas especiais na comunidade. Nas encenações do Natal é recordar passagens bíblicas e celebrar a festa do Natal. E é um meio também de estar unido com os membros da comunidade em ocasiões especiais”.

Após cada encenação é costume todos se reunirem no salão comunitário e confraternizarem com pratos e bebidas trazidas pelas famílias presentes. A figura 13A ilustra jovens da comunidade caracterizados para uma encenação, e a figura 13B mostra confraternização no salão comunitário após homenagem ao Dia das Mães.

Figura 13A - Encenação de Dia das Mães do Grupo de Jovens da Comunidade Linha Santa Cruz, maio de 2008.



Fonte: Arquivo da família Bertotti.

Figura 13B - Confraternização em homenagem ao Dia das Mães na Comunidade Linha Santa Cruz, maio de 2014.



Fonte: Arquivo da família Bertotti.

Nos últimos anos a tradição das encenações continua, porém com menos participação dos jovens da comunidade. Isso se deve ao aumento do número de jovens que se deslocam para as cidades da região em busca de trabalho e para estudar. Esses jovens retornam às suas casas apenas nos finais de semana e feriados, o que diminui bastante a interação entre eles e o tempo disponível para organizarem as encenações. Os próprios jovens da comunidade percebem a perda gradual da força dos grupos de jovens de Linha Santa Cruz. Conforme um morador (F) jovem da comunidade:

Eu vejo a comunidade como uma comunidade ativa, sinto um pouco da falta às vezes da mais participação de alguns dos membros, se enfraqueceu um pouco nos grandes grupos de jovens de uma vez. Os jovens de hoje estão cada vez se atarefando mais estudando trabalhando na cidade e volta no final de semana para as casas dos pais e só querem ficar com a família ou descansando. Tá faltando um maior incentivo para o jovem permanecer na agricultura.

As transformações nos costumes da comunidade se deram em um sentido mais inerente aos membros dela do que à percepção de um sujeito que não conviva em comunidade. Isso se deve ao fato de a maioria das atividades culturais, lazer e eventos religiosos terem sido conservados, mas ao mesmo tempo a influência de elementos externos transformou a relação dos sujeitos com as práticas culturais do lugar. Um exemplo é o aumento de participantes em eventos ocorridos em dias de frio ou chuva, que eram até certo tempo atrás um empecilho para sua realização. Com o aumento do número de automóveis na comunidade, esse deslocamento tornou-se mais fácil. Também se pode destacar a influência das novas tecnologias, como a telefonia que facilita a comunicação entre as famílias e o computador e sistemas de som, que são usados muitas vezes para realização dos eventos culturais da comunidade.

5.4 A INTERAÇÃO ENTRE AS COMUNIDADES DO INTERIOR

Os membros da Comunidade Linha Santa Cruz participam ativamente da vida comunitária no lugar, mas assim como os membros das demais comunidades do município de Cruzaltense também realizam socialização entre outras comunidades. Antes das transformações no trabalho ocorridas pela modernização dos meios de produção e disseminação do plantio direto, sobretudo da soja, as interações entre

comunidades do interior já ocorriam, porém de forma reduzida, devido à falta de tempo e recursos dos moradores do interior.

Dentre as diversas formas de interação observadas entre as comunidades, destacam-se as de cunho festivo, religioso e esportivo. Também se observa um aumento da participação da administração municipal e da Emater/Ascar - RS nas atividades esportivas e culturais intercomunitárias, principalmente após a emancipação do município de Cruzaltense.

As transformações na economia familiar propiciaram aos moradores de Linha Santa Cruz a oportunidade de adquirirem seus próprios meios de transporte. Até então, na ocasião de eventos entre as comunidades, os moradores se deslocavam a pé, a cavalo ou em caminhões, como ilustra a Figura 14. Nesse sentido, a socialização dos meios de transporte já se fazia presente, pois o morador que possuía algum caminhão ou caminhonete transportava os demais. Como as distâncias entre as comunidades são relativamente grandes, essas eram as formas que os moradores de Santa Cruz e das demais comunidades encontravam para se deslocarem em eventos intercomunitários. No entanto, muitos moradores compreendem essas transformações como um afastamento entre os moradores. Percebe-se esse sentimento no relato do morador (D):

[...] me sinto muito bem [morando na comunidade], mas vejo aqui também perdas de valores, sentimentos, principalmente na época que eu era jovem, se iaapé ou caminhão longe e em grande grupo para os bailes, as festas os jogos, hoje vai bem menos e cada um com seu carro e individual, não se tem mais um grupo que ia junto. Uma vez se tinha mais pessoas que viviam nesse lugar, a comunidade hoje é mais moderna, em termos financeiros, em estruturas.

Figura 14 - Moradores de Linha Santa Cruz, Cruzaltense – RS reunidos para visitarem outra comunidade do município por ocasião de torneio de futebol em março de 1999.



Fonte: Arquivo da família Bertotti.

No princípio da formação da Comunidade Linha Santa Cruz, as famílias nesse lugar instaladas tinham poucas opções para o lazer. Porém, a limitação de recursos e opções para socialização não impediu que costumes vindos com os primeiros moradores fossem adaptados a nova realidade em que viviam.

Como prática de socialização e momento de lazer, o costume mais antigo registrado nas entrevistas da pesquisa foi o chamado “baile de galpão”. Como não havia o salão comunitário até a década de 1950, os bailes eram improvisados em galpões de propriedade dos próprios moradores, e os mesmos tocavam e dançavam suas músicas (Figura 15). De acordo com o morador (B): “Quando um terminava o milho no galpão já se reuniam, um avisava o ôtro e faziam baile no galpão. Bailes com gaita e violão [...] Os baile começava oito hora e meia noite terminava. Eu era tocador de gaita”.

Figura 15 - Família recebendo vizinhos em um típico baile de galpão, em Linha Santa Cruz, Cruzaltense - RS, 1955.



Fonte: Arquivo da família Krause.

O costume dos bailes de galpão se perdeu no tempo a medida em que as comunidades conseguiram se organizar melhor e arrecadar recursos para a construção de seus salões. Ainda que construídos de maneira rudimentar, com tábuas largas, chão batido e cobertura de telhas de barro, eram espaços para convívio de todos da comunidade e de comunidades vizinhas.

As comunidades passaram a se organizar através da Paróquia a que pertencem para realizarem seus bailes em datas diferentes, para que os moradores de toda região pudessem prestigiar os bailes das comunidades vizinhas. Em Linha Santa Cruz, ocorriam em torno de três bailes por ano, sem contar os bailes das festas tradicionais que ocorrem duas vezes por ano, onde uma delas é a festa da padroeira.

Nos últimos anos, sobretudo a partir de 2013, devido a restrições das autoridades responsáveis pela fiscalização e liberação de locais fechados para realização de eventos (sobretudo após o incêndio da Boate Kiss, em Santa Maria - RS), os bailes nas comunidades deixaram de ser realizados. Algumas comunidades próximas já buscaram regularizar seus salões comunitários, para voltarem a realizar

as festas. Porém, Linha Santa Cruz ainda não dispõe de recursos suficientes para tal regularização.

Um evento que surgiu há poucos anos e que teve grande apreciação por parte dos moradores do município foram os Jogos Rurais. Os Jogos Rurais são um evento que ocorre anualmente no mês de janeiro, de forma itinerante entre as comunidades. Sua organização é realizada através de uma comissão composta por membros da Emater/Ascar de Cruzaltense e Prefeitura Municipal de Cruzaltense. Sua primeira edição ocorreu em janeiro de 2003 na Comunidade Linha Santa Cruz, e contou com a participação de seis comunidades do município. Segundo extensionista social da Emater/Ascar de Cruzaltense:

Os Jogos Rurais são uma festa sadia, de integração, que cresce e melhora a cada ano, tornando-se referencia de socialização para o município de Cruzaltense, destacando-se inclusive na região como o maior evento nessa categoria. Os Jogos Rurais são um Evento onde toda a família participa. Crianças a partir dos oito anos disputam as provas do Atletismo. Já os mais experientes participam do sinquilio, prova do martelo e jogo do baralho. Com intuito de resgatar antigas tradições, são realizadas provas que lembram atividades desenvolvidas no meio rural no tempo de nossos avós, como: transporte de milho em cesto, serra da madeira, uso do martelo e prego e da carroça. Também são disputadas modalidades populares entre a juventude rural, tais como: vôlei, pênaltis e bola no pneu.

Todas as modalidades esportivas são premiadas com medalhas para os participantes. No mesmo dia acontece o desfile da garota dos jogos rurais, uma garota de cada comunidade desfila e é escolhida por júri uma rainha e duas princesas (Figura 16). Essas moças vencedoras permanecem pelo período de um ano até o acontecimento do próximo evento. A rainha e as princesas representam o município nas datas comemorativas, como a semana do município entre outros acontecimentos.

Figura 16 - Escolha da Rainha, 1ª Princesa e 2ª Princesa dos Jogos Rurais de Cruzaltense – RS em 2003. Na ordem: Rozana Bertotti (2ª princesa), Juciléia Giacomini (Rainha) e Monica Palharini (1ª princesa).



Fonte: Arquivo da família Bertotti.

As modalidades esportivas variam a cada edição do evento, procurando atrair o público e diversificar as atividades. Na primeira edição dos jogos, que foi realizada em Linha Santa Cruz, foram disputadas competições variadas, que contemplaram todas as faixas etárias. As modalidades disputadas em 2003 foram:

- Pênalti feminino e masculino;
- Voleibol misto;
- Bochas de casais;
- Atletismo 15m crianças de três a cinco anos masculino e feminino (Figura 17A);
- Atletismo 30m crianças de seis a 10 anos masculino e feminino;
- Atletismo 100m até 40 anos masculino e feminino;
- Atletismo 100m acima de 40 anos masculino e feminino;
- Salto em altura masculino e feminino;
- Cinquilha masculino e feminino;
- Arremesso de peso masculino e feminino;
- Bola no aro masculino e feminino;

- Salto em distância masculino e feminino;
- Rústica: masculino 1000m e feminino 500 metros.
- Corrida do ovo feminino;
- Corrida do saco masculino e feminino;
- Triset masculino e feminino;
- Porco ensebado;
- Cabo de guerra masculino e feminino (Figura 17B);
- Debulhar milho.

Figura 17A - Prova de atletismo para crianças de três a cinco anos, nos Jogos Rurais de Cruzaltense, Linha Santa Cruz, janeiro de 2003.



Fonte: Arquivo Emater/Ascar Cruzaltense.

Figura 17B - Prova de cabo de guerra feminino, nos Jogos Rurais de Cruzaltense, Linha Santa Cruz, janeiro de 2003.



Fonte: Arquivo Emater/Ascar Cruzaltense.

O futebol é o esporte que há mais tempo se faz presente na Comunidade Linha Santa Cruz. Desde a primeira metade do século XX os moradores da comunidade e de comunidades vizinhas já realizavam partidas entre seus times. Após a emancipação de Campinas do Sul, em 1954, começaram a ser organizados campeonatos citadinos de futebol, e a Comunidade Linha Santa Cruz teve sempre sua representação na competição. Algumas competições são organizadas pelas próprias comunidades, e também ocorrem competições que envolvem comunidades de outros municípios.

A Comunidade Linha Santa Cruz possui seu próprio campo de futebol, de tamanho oficial. A manutenção desse campo é de responsabilidade dos próprios moradores que jogam nos times da comunidade. Sua localização fica na lavoura de propriedade de um morador de Linha Santa Cruz, mas o acesso ao campo é liberado a todos moradores e visitantes por uma via de acesso aberta em meio à lavoura de soja. Santa Cruz possui atualmente dois times, sendo chamados de “primeiro” e “segundo”. O primeiro time reúne os jogadores que mais se destacam

entre os moradores, e o segundo reúne jogadores que fazem reserva ao time principal e os mais jovens, que estão iniciando a jogar competições.

Uma socialização comum nos domingos, tanto em Linha Santa Cruz quanto nas outras comunidades é a realização de jogos amistosos. São jogos em que o time de uma comunidade é convidado a jogar no campo de outra comunidade, e os jogos ocorrem aos domingos a tarde. Nessas ocasiões, os times visitantes são recebidos com muita cordialidade pelos anfitriões. Cada time conta com a torcida de sua comunidade, pois os visitantes são sempre acompanhados de suas esposas, filhos, amigos e vizinhos. Durante as partidas, os moradores que assistem aos jogos além de torcerem de forma saudável e respeitosa, interagem com os moradores da outra comunidade. Nesses jogos também há um aumento nas vendas de bebidas e alimentos no salão comunitário, o que resulta em uma renda extra para a comunidade anfitriã.

Uma transformação que acabou por impactar de forma negativa na socialização entre as comunidades foi o fato de não haverem mais times de futebol feminino em Linha Santa Cruz. Até o ano de 2000 havia em Linha Santa Cruz time de futebol feminino. As mulheres da comunidade realizavam partidas entre as próprias moradoras, e quando havia competições no município elas marcavam presença representando sua comunidade (Figura 18).

Figura 18 - Time feminino de futebol de Linha Santa Cruz, 1998. Em pé da esq. Para dir.: Delvino Bertotti (org. de esportes), Marli Murari, Adriana Brum, Suzana Bertotti, Irma Lazzari, Lainir Lopes, Silvana Giachini, Clarice Lopes, Mariza Sichazewski, Aldo Müller (treinador). Agachadas: Adriane Fagundes, Janes Bertotti, Eva de Campos, Luciana Ribeiro, Jucélia Lopes e Adriana da Silva.



Fonte: Arquivo da família Bertotti.

A diminuição do envolvimento feminino no esporte em Linha Santa Cruz se deve em grande parte ao considerável aumento do número de mulheres jovens que buscam nas cidades trabalho e estudo. A mudança dessas jovens para as cidades impactou diretamente nessa categoria do futebol de Linha Santa Cruz e também em outras atividades que envolviam as jovens. Atualmente muitas jovens que trabalham e/ou estudam na cidade somente voltam à casa dos pais nos fins de semana e não conseguem dispor de tempo livre para praticas de socialização como o esporte na comunidade.

Mesmo com as transformações ocorridas nas relações familiares, onde os jovens estão menos presentes no campo, as relações de interação entre as comunidades continuam preservadas. Algumas mudanças são perceptíveis devido á mudanças no ritmo do dia-a-dia das famílias, e o acesso a formas de lazer mais individualizadas, como televisão, computador e outros meios. Porém, é notável a

continuidade das atividades de interação entre os moradores das comunidades próximas.

6 O OLHAR DOS SUJEITOS SOBRE A COMUNIDADE ATUAL

As interpretações das relações sociais e das vivências no lugar determinam o olhar dos sujeitos sobre sua comunidade. Esse resgate da memória e dos costumes da comunidade trouxe consigo um conteúdo valioso de relatos de experiências de vida que exemplificam as características específicas do lugar pesquisado.

Ao ser construída uma interpretação da comunidade através dos relatos e experiências de seus moradores, mais uma vez fica em destaque o papel da ajuda mútua e do coletivismo como elos de união entre as famílias de Linha Santa Cruz. Os próprios moradores reconhecem que há uma grande diferença nas relações sociais entre os moradores das comunidades do interior e os moradores das cidades. As constatações empíricas também resgatam um olhar sobre as relações dos sujeitos com o lugar e sua comunidade.

Observa-se na Linha Santa Cruz uma forte interferência na paisagem por parte de seus moradores. Nada mais compreensivo, se considerarmos que o meio de produção pelo qual as famílias residentes obtêm seu sustento é a propriedade privada da terra agricultável. Mas o que se percebe é a continuidade da identidade do trabalhador rural com sua terra, o sentimento de satisfação que o agricultor demonstra ao prover de seu chão o sustento de sua família. A reciprocidade entre os moradores percebida no cotidiano de Linha Santa Cruz é um fator importante para a continuidade da comunidade e suas tradições.

As entrevistas realizadas com os moradores de Linha Santa Cruz oferecem um relato da percepção deles como sujeitos pertencentes a um arranjo social específico e de fortes laços afetivos que é a comunidade. Cabe aqui destacar como os moradores definem essa comunidade e qual o significado afetivo, simbólico e cultural de ser membro de uma comunidade. Quando questionados de como os moradores vêem a comunidade nos dias de hoje, as respostas foram diferenciadas. No entanto, cabe ao pesquisador interpretar o contexto das respostas recebidas e avaliá-las baseando-se na fenomenologia, de acordo com as particularidades do olhar de cada sujeito sobre o lugar.

Destaca-se entre os moradores a necessidade de se sentirem membros da comunidade e de participarem das atividades comunitárias. Esse sentimento de querer participar e querere fazer parte do coletivo, demonstra a importância da participação nas relações sociais e atividades comunitárias para quem vive o lugar

diariamente. Segundo morador (F): “Tando na comunidade me sinto em casa, me sinto que não to bem se não participo na comunidade e quando to me sinto bem e realizado, to com os amigos, indo na igreja tomando um *bithceroto*, no salão depois da reza”. Continuando a entrevista, o morador (F) respondeu como ele vê a comunidade nos dias de hoje: “no lugar se tem mais facilidade no trabalho, mas se tem mais gastos, mais despesas, mas mesmo assim se da conta. Aqui hoje é um lugar calmo, antigamente aqui era briga e bebedeira, bagunça e agora ficou ao contrario com a cidade, que no passado era calmo e hoje ficou ruim, principalmente as cidades grandes”. Nota-se na fala dos moradores um consenso em relação à preferência de se morar na comunidade a morar na cidade. O desenvolvimento da comunidade, que com o passar dos anos aprimorou sua organização propiciou um ambiente mais agradável para se morar. Isso se comprova na pesquisa através da constatação do número de famílias membro que residem fora de Linha Santa Cruz, mas fazem questão de continuarem membros ativos da comunidade a qual pertencem. Seria compreensível o gradual desligamento das raízes sociais e culturais dos moradores que se mudam para outras cidades, seja por motivo de trabalho, estudo ou ambos. No entanto, o que ocorre muitas vezes em Linha Santa Cruz é o peso da formação familiar, dos costumes e tradições locais, e, sobretudo vínculos familiares fazerem com que os antigos moradores tendam a manter freqüente suas presenças na comunidade, principalmente nos finais de semana e datas comemorativas.

O papel da comunidade como arranjo social consistente, onde as famílias tem seu aporte, propiciando um ambiente agradável, receptivo e integrador às famílias, é destacado pelo morador (I): “aqui na comunidade nós temo as família tudo reunida, e todos amigos. Acho que é bom tê essa união porque aqui não se tem mau exemplo, e é bonito o respeito das pessoas”.

Como já citado anteriormente, foram várias as transformações ocorridas em Linha Santa Cruz com o passar dos anos. Cabe destacar também as expectativas dos moradores quanto ao futuro da comunidade, visto as grandes transformações que vem acontecendo em contínuo processo. Como é inegável a influência das novas tecnologias, incorporadas pela sociedade como um todo, em Linha Santa Cruz também se sentem os reflexos dessas inovações. Conforme morador (F): “hoje em dia as coisas estão mais fáceis, e os jovens tem celular, televisão, computador, essas coisas. Antigamente ninguém tinha nada. Tinha uma ou duas televisão aqui e

todos se reuniam pra ver junto. Agora todos têm antena, e varias televisão. As estrada estão melhores, e as casa tem água potável”.

A importância da comunidade para os moradores é intrínseca às suas vivências. Dessa forma, as experiências e memórias do lugar vividas pelos moradores de Linha Santa Cruz geram uma identidade coletiva, onde os sujeitos se identificam com o lugar e se reconhecem como membros ativos de uma comunidade.

A forte ligação das famílias da comunidade com o aspecto religioso também merece destaque, uma vez que o núcleo da formação da comunidade gira em torno da religião católica. A preservação de muitos dos valores morais que são estimados pelos membros da comunidade se dá por meio da educação formal e de uma educação religiosa que é dividida entre o convívio familiar e o convívio comunitário. As famílias buscam passar para seus filhos valores e ensinamentos que os levem a formar um caráter que se enquadre na convivência comunitária. Já a comunidade busca reunir seus jovens no entorno da educação religiosa, os incentivando desde cedo a participarem da vida religiosa e oferecendo a educação eucarística por intermédio das catequistas da comunidade. Não somente a religião une em comum os membros da comunidade, mas com certeza é nela que as relações sociais e coletivas da comunidade se alicerçam. Segundo morador (F): “nossa comunidade precisa ser sempre unida pelas coisa de Deus. Aqui graças a Deus temos nossa Capela, e temos nosso lugar pra agradecer e louvar o Senhor. Uma comunidade pra ser forte e unida tem que ter fé. É lindo ver as família reunida no domingo pras liturgia”.

Constatou-se com a realização e análise das entrevistas, morar e trabalhar na Comunidade Linha Santa Cruz é não somente residir na área rural do município, mas é também fazer parte de um grupo social que estabeleceu com o passar dos anos seus próprios códigos éticos e morais, baseados na fraternidade, valorização da família, religião e trabalho.

Ao confrontarmos o conceito de comunidade de Claval (2007) com o exercício empírico da constatação da existência de uma comunidade em Linha Santa Cruz, encontramos diversas proximidades. Linha Santa Cruz apresenta um espaço de comum freqüentação, que se materializa no salão paroquial e na Capela, onde as relações comunitárias entre os moradores se estabelecem com maior intensidade, assim desenvolvendo coletivamente um sentimento de pertencimento. Também se

observa entre os moradores um sentimento de ajuda mútua facilitada pela co-habitação, onde os recortes das divisões de propriedades privadas não extinguem o sentimento de proteção e assistências mútuas. Claval (2007) também destaca os casamentos entre famílias vizinhas, e próximas, o que ocorre freqüentemente em Linha Santa Cruz, porém no caso da comunidade pesquisada, não são comuns casamentos consangüíneos, como Claval propõe. Outra proximidade do conceito de comunidade de Claval (2007) com o estudo de caso de Linha Santa Cruz se dá na homogeneidade das etapas sociais dos moradores, onde todos são batizados na mesma capela, freqüentam a mesma escola, na maioria das vezes exercem a mesma profissão e são enterrados no mesmo cemitério.

É possível afirmar que Linha Santa Cruz é um lugar no sentido de conceito geográfico, se considerar a construção histórica através da vivência das pessoas e das relações estabelecidas por elas em um recorte espacial bem definido. Cada morador de Linha Santa Cruz contribuiu e/ou contribui para a existência e permanência dessa comunidade como um grupo social que estabelece suas relações e constrói sua identidade em um determinado lugar. O estabelecimento da Comunidade Linha Santa Cruz na presente localização geográfica, e a formação de seus membros, que sincretizou diversos aspectos culturais, torna essa comunidade um lugar único, que encontra pares semelhantes no interior do município, porém todos com aspectos específicos mais ou menos distintos.

Foi possível constatar na presente pesquisa que Linha Santa Cruz é para seus moradores mais que um espaço onde se mora e se trabalha. Ela é o lugar onde seus moradores se sentem em casa, e a comunidade onde se sentem acolhidos. Para os moradores de Linha Santa Cruz, estar em comunidade significa estar em um lugar onde seus semelhantes se encontram, e há amizade e solidariedade. Nesse lugar específico, onde todos se identificam e se relacionam dentro de uma conduta de valores e costumes comuns, que os moradores se sentem “em comunidade”. Ou seja, para os moradores de Linha Santa Cruz, estar em sua comunidade, é estar em sua casa.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa buscou analisar as transformações ocorridas na Comunidade Linha Santa Cruz, no município de Cruzaltense – RS, a partir do relato dos seus moradores. Para atingir esse objetivo, foi realizada uma caracterização da formação histórica da comunidade, descrevendo a partir da memória dos sujeitos as relações sociais e as transformações ocorridas no lugar e também se buscou destacar o significado que a comunidade tem para seus membros.

Para responder a demanda da pesquisa, foi utilizado um referencial teórico baseado no conceito social de comunidade, para entender o arranjo social ao qual estão inseridos os sujeitos pesquisados; e a categoria de espaço analisada foi o lugar, por ser esse o resultado da vivência dos sujeitos e das relações que eles exercem socialmente nesse espaço construído. Foi escolhido o método qualitativo apoiado à fenomenologia para realização do estudo de caso da comunidade Linha Santa Cruz.

A pesquisa obteve dados oficiais por meio de pesquisa documental de diversos órgãos públicos citados no capítulo três, além de valioso material extraído das entrevistas realizadas de forma semi-aberta com moradores e membros da Comunidade Linha Santa Cruz. A partir da obtenção das entrevistas, realizou-se uma análise do discurso coletivo dos sujeitos pesquisados, onde foi possível extrair concepções sobre as relações sociais na comunidade, o significado dela para os sujeitos, e a identidade com o lugar, sempre levando em conta a vivência dos sujeitos.

Durante a pesquisa, foi abordado um histórico que remonta às origens da comunidade, com a chegada ao lugar dos primeiros descendentes de imigrantes, e a construção da primeira Capela do lugar. Teve destaque no resgate da memória de Linha Santa Cruz a relação conflituosa entre os descendentes de imigrantes recém chegados e os caboclos que já residiam no lugar anteriormente. Caberia a esse aspecto da formação histórica do lugar uma pesquisa mais específica, que se aprofundasse no tema polêmico ao qual se refere esse aspecto da história de Linha Santa Cruz.

Entre os aspectos culturais de destaque, um dos que mais influenciam o dia a dia das famílias se refere à religião, fortemente presente nas atividades e discursos dos sujeitos pesquisados. Foi observada na pesquisa a forte organização

comunitária, principalmente na realização dos eventos culturais coletivos, organizados pelo conselho comunitário e que contam com o auxílio da comunidade como um todo.

A análise das transformações na comunidade destacou as mudanças profundas no trabalho, onde as técnicas e cultivos modificaram-se de forma significativa, influenciando outros aspectos do cotidiano em Linha Santa Cruz.

Assim como afirma Copatti (2010, p.129), encontra-se certo receio de que as transformações das relações espaciais, locais e globais interfiram na continuidade das características específicas dessa comunidade rural, como sua memória, suas tradições e sua identidade. No entanto, durante a presente pesquisa constatou-se que diversas transformações ocorridas no lugar favoreceram o fortalecimento dos laços comunitários e a manutenção das tradições e memórias vividas no dia a dia de Linha Santa Cruz.

Concluimos a partir da reflexão debruçada em pesquisa bibliográfica, documental e de campo que Linha Santa Cruz possui um grupo de sujeitos que pertencem a esse lugar, e nesse lugar estabeleceram laços de afinidade, pertencimento e identidade. A partir das relações em comum oriundas desses laços estabeleceram-se códigos de conduta, moral e ética baseados nos costumes enraizados no grupo social em questão. Buscando uma organização coletiva para auxiliar na manutenção das relações sociais formadas por esses sujeitos, surgiu a organização comunitária, baseada, sobretudo nos valores familiares e religiosos, voltando seus objetivos comuns para a realização do bem estar comunitário.

Entende-se que os objetivos da pesquisa, em um primeiro momento foram atingidos. Dentre as diversas abordagens possíveis de se trabalhar uma comunidade rural, uma das que se percebeu serem possíveis abordar no mesmo recorte espacial trataria das relações de trabalho. Outra proposta sugerida para futuras pesquisas seria sobre as relações urbano-rural nos municípios de Cruzaltense e Campinas do Sul.

O presente trabalho buscou responder a uma demanda sobre o entendimento da construção e da transformação de uma comunidade rural a partir do relato dos sujeitos que a compõem. Cabe ressaltar que a pesquisa apresentada possui algumas limitações metodológicas devido ao curto tempo disponível para realizá-la. No entanto, esse esforço de construir um relato da formação e transformação de uma comunidade rural traz uma abertura para futuros trabalhos acadêmicos que

venham a complementar a presente pesquisa ou a responder as questões sobre o tema ainda inexploradas.

REFERÊNCIAS

ALVES, Fabiana. **Cruzaltense: Construindo sua História**, 2005. 43f. Monografia (História Licenciatura Universidade Regional Integrada – Campus Erechim), 2005.

ANDRADE, José António de. **As Unidades de Paisagem e os Sistemas de Produção Agrícolas no Município de Floráí - PR**. Maringá PR, 2005.

ANDRADE, Manuel C. de. **A Questão Do Território no Brasil**. 2º Ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

AURELIO, **O mini dicionário da língua portuguesa**. 4a edição revista e ampliada do mini dicionário Aurélio. 7a impressão – Rio de Janeiro, 2002.

BARROS, Solange M. Análise Crítica do Discurso e Realismo Crítico: Reflexões teórico-metodológicas. **Revista Linguagem**, v.3, n.16, 2011, p.01-12.

BATTISTI, Nelson. *In*: **LP Trio Campinense. Edílio, Zilmar e Ari**. Gravadora Tiaraju, Brasil, 1982.

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade**. A busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2003.

BONNEMAISON, Joël. Viagem em torno do território. In: CORREA, Roberto L; ROSENDAHL, Zeny (org.). **Geografia Cultural – Uma Antologia**. Volume I. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2012. P. 279-303.

BRASIL. Banco Central do Brasil. **Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar**. Disponível em: <http://www.bcb.gov.br/pre/bc_atende/port/PRONAF.asp#1>. Acesso em: 20 de abr. de 2014.

CALLAI, Helena C. **A Questão Social do Novo Milênio** O estudo do lugar como possibilidade de construção da identidade e pertencimento. VIII Congresso Luso - Afro-Brasileiro de Ciências Sociais. Unijuí: 2004.

CARLOS, Ana Fani A. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: Ed. Labur, 2007.

CLAVAL, Paul. **A Geografia Cultural**. Florianópolis: 3º Ed UFSC, 2007.

COPATTI, Carina, **Espaço Rural: transformações, cultura e memória** - Os fatos, as lembranças e o sentimento comunitário quanto à ocupação do espaço local. Passo Fundo: Ed IMED, 2010.

CORSETTI, Berenice. **Movimento Social e Escola no Rio Grande do Sul: Um Estudo no Campo da História das Instituições Educativas**. Unisinos, 2013.

CORRÊA, Roberto L.; ZENY, Rosendahl. (org.). **Manifestações da Cultura no Espaço**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1999.

DELLA LATTA, Venâncio Hugo. **Campinas do Sul e sua História**. Erechim: Grafoluz, 2004.

DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna. A disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna (orgs). **Planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2 ed. Porto Alegre: ARTMED, 2006.

EMBRAPA. Gado de Leite. **Silagem**. Disponível em: <<http://www.cnp.gl.embrapa.br/sistemaproducao/15247-silagem>> Acesso em: 28 de abr. de 2014.

GERTZ, René E. Colonização – Segunda Fase. In: CARELI, Sandra da S.; KNIERIM, Luis C. **Releituras da História do Rio Grande do Sul**. Fundação Instituto Gaúcho de Tradição e Folclore. Porto Alegre, CORAG, 2011.

GONÇALVES, Múcio T. Espaço rural em transformação: um lugar de (qual) memória? **Mneme – Revista virtual de Humanidades**, n. 10, v. 5, abr./jun. 2004. Disponível em: <http://www.seol.com.br/mneme>.

HASSLER, Márcio L. Contribuição Geográfica para o Estudo do Lugar. **Mercator Revista de Geografia da UFC**, v. 8, n. 16, 2009, p. 157-165.

HUSSERL, Edmund. **Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica**. Ideias& Letras, Aparecida-SP, 2006.

JUNIOR, Celso F. **Guia do Trabalho Científico: Do Projeto à Redação Final**. São Paulo: Contexto, 2011.

KLAUCK, Jaqueline B. **Bovinocultura Leiteira no Desenvolvimento Sustentável**. Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul - Unijuí. Ijuí, 2009.

LYTOARD, Jean-François. - **A fenomenologia**. Difusão Européia do Livro, São Paulo, 1967.

MELO, Nágela A.; SOARES, Beatriz R. **Pequena Cidade, Um Desafio Metodológico**: os instrumentos e os recursos para a pesquisa em Geografia. In: RAMIRES, Cesar de Lima; PESSOA, Vera Lucia Salasar. (Org.). Uberlândia: Assis, 2009.

JUNIOR, Xisto S. de S. de S. **A análise do discurso como estratégia na identificação das intencionalidades e práticas espaciais dos movimentos sociais urbanos de João Pessoa- PB**: In: RAMIRES, Cesar de Lima; PESSOA, Vera Lucia Salasar. (Org.). Uberlândia: Assis, 2009.

PIRAN, Nédio. **Agricultura Familiar**. Lutas e Perspectivas no Alto Uruguai. Erechim: EdiFAPES, 2001.

RAYMOND, Quivy; CAMPENHOUDT, Luc V. **Manual de Investigação em Ciências Sociais**: Gradiva, 1992.

SANTOS, José Vicente T. dos. **Colonos do Vinho**: Estudo sobre a subordinação do trabalho camponês ao capital. São Paulo: Hucitec, 1978.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço**: Técnica e Tempo. Razão e Emoção. São Paulo: Ed USP, 2006.

SANTOS, Milton. Sociedade e espaço: A formação social como teoria e como método. **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo, n.54, p.81-100, jun. 1977.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. - **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais**. Atlas, São Paulo, 1994.

ANEXO I - Guia para entrevistas

Nome e idade:

Escolaridade:

Ocupação:

Número de filhos:

Etnia:

A família reside na comunidade há quanto tempo?

Como que a comunidade começou? E quais eram as etnias que predominavam?

Como era a relação entre os primeiros moradores?

Como que foi o surgimento da comunidade? Como ela começou?

Como era o trabalho antigamente?

Quais foram às mudanças no trabalho?

O que produziam? No que trabalhavam além do plantio?

Como era a alimentação das pessoas? Como é hoje?

A comunidade tem passado por mudanças. Que mudanças ocorreram no trabalho?

Como eram os costumes e tradições de antigamente?

O que mais é lembrado do dia-a-dia de antigamente?

Como as famílias se relacionavam?

Como são nos dias atuais os costumes e tradições?

Como as famílias se relacionam hoje?

Como era a religião?

Como é a religião hoje?

Quais as diferenças marcantes de como era realizado as festividades e o lazer de antigamente se comparando com os dias de hoje?

O que é a Comunidade Linha Santa Cruz?

Das mudanças que aconteceram, quais que você sente mais falta?